

1931 — 1937

PARA TODOS...

ANNO XIII — Num. 603

Rio de Janeiro, 29 de
Agosto de 1931

PREÇO: — 18000



AS TINTAS PARA CABELOS E ALGUNS CONSELHOS POR A. DORET

Raras são as tintas para cabelos que satisfazem quem as emprega. Nem sempre são inofensivas.

Outra tintura fica esverdeada no fim de poucos dias, tal outra toma no cabelo a cor de vinho tinto, bastante desagradável aos olhos; esta é preta demais, resaca o cabelo, alisa o que é ondulado, faz mais velha a pessoa que a emprega, dá à fisionomia um ar severo e triste ao mesmo tempo.

Trinta anos de experiência, de estudos, de aplicação deram-me uma certa autoridade para falar nisso.

Nenhuma casa de cabeleireiro, em qualquer país que fosse, quer na Europa ou na America, atingiu o grau de perfeição ao da casa Doret, tenho no meu estabelecimento clientes de todas as nacionalidades que atestariam a superioridade de meus métodos de tingir os cabelos, garantindo a inocuidade absoluta de meus produtos. As pessoas que não possam vir ao meu estabelecimento, às pessoas longe do Rio de Janeiro, recomendo nunca tingirem os cabelos de preto; é melhor acastanhá-los que colorir o branco de preto. Isso, além de ser mais natural, mais fácil será, mais higiénico.

Recomendo a todos o fluido Doret para acastanhar ou alourar o cabelo, este produto é dez vezes menos forte que a água oxigenada, não queima os cabelos e é um excelente desinfetante.

Para recoloração do cabelo empregai o meu Henné pure Doret, para obter o louro bastará apenas 5 a 10 minutos de aplicação, para o bronzeado 1/2 hora, para acajou escuro, uma hora e meia.

As pessoas que quiserem escurecer os cabelos para castanho escuro devem empregar o Tonico Déesse n. 12.

Para qualquer caso particular é bom consultar A. Doret e seguir seus conselhos é garantia de bom êxito.

A Casa A. Doret recomenda suas manicures, seus produtos incomparáveis para a beleza da pele e cabelos, seus modelos de penteados, estudados para cada pessoa, os cabeleireiros da casa Doret são verdadeiros artistas. Ondulação permanente, Marcel, Mismipis, Soins de Beauté.

A. DORET cabeleireiro — Rua Alcindo Guanabara n. 5-A — Telefone 2-2431 — Rio de Janeiro



No tratamento da syphilis adquirida ou hereditária!

Attesto "in fide gradis", já ter empregado com os mais satisfatórios resultados e em diversos casos de minhas clínicas hospitalar e civil, nos Estados de Minas, Rio de Janeiro e São Paulo, o preparado "ELIXIR de NOGUEIRA" do competente químico farmacêutico João da Silva Silveira. Por isso, tenho em conta esse preparado como um dos bons agentes terapêuticos no tratamento da maior parte de curas de lues adquirida ou hereditária.

Nitheroy, 21 de Janeiro de 1924.

Dr. Everaldo Fairbanks

Médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, ex-interno dos Hospitais de S. Sebastião da Capital Federal e S. João Baptista, de Nitheroy.



SYPHILIS?
ELIXIR DE NOGUEIRA
GRANDE DEPURATIVO DO SANGUE

Todas As Senhoras São Interessadas ... — E' UMA REVISTA PARA O LAR —

A Mais Elegante — A Mais Completa
A Mais Moderna — A Mais Preciosa

Collaborada Pelos Grandes Criadores
— Da Moda Parisiense —

MODA E BORDADO

FIGURINO MENSAL

Ensinaamentos completos sobre trabalhos de agulha e a machina, com desenhos em tamanho de execução. Os mais apreciados trabalhos de bordados. Mais de 100 modelos em cores variadas de vestidos de facil execução. Vestidos de noiva, de baile, passeio, luto e casa. Costumes e casacos. Roupas brancas. Roupas de interior. Lindos modelos de roupas para crianças. Conselhos sobre belleza, esthetica e elegancia. Receitas de deliciosos doces e de finos pratos economicos. Vendido em todas as livrarias e bancas de jornaes do Brasil

PEDIDOS DO INTERIOR:

Snr. Gerente de «Moda e Bordado» Caixa Postal 880

RIO

Envio-lhe { 33000 para receber 1 numero
163000 : : durante 6 meses
303000 : : : 12 .

NOME _____

End. _____

Cid. _____ Est. _____

FANDORINE

contra as doenças das senhoras

80 % das senhoras
nao vivem satisfeitas
com a sua saude

Hemorragias
Metrites
Obesidade
Fibromas



Toda mulher
deve fazer,
cada mez, um
tratamento de
Fandorine
para garantir
a sua saude
contra pertur-
bações que a
possam affectar
e ter regras
nao dolorosas.

24 CHATELAIN
2, R. de Valenciennes, Paris
e em todas as pharmacies

A FANDORINE liberta a mulher do seu mau estar

Depositaros exclusivos no Brasil:
ANTONIO J. FERREIRA & CIA. — Uruguayana, 27 — Rio

REGULANDO A RADIOPHONIA A DISTANCIA

Pittsburgh, (Sipa). — Com o uso de um novo aparelho designado sob o nome de apetrechamento de governo a distancia Westinghouse, é agora possível regular um aparelho de radiophonia de qualquer parte da sala ou casa. Este aparelho é considerado como o mais avançado progresso de engenharia da sciencia de radiophonia para facilitar o recreio da recepção radiophonica.

Pelo emprego deste engenhoso aparelho torna-se desnecessario a uma pessoa ter de se levantar para ir regular os mostradores do aparelho de radiophonia, pois com a caixa de governo collocada no braço da poltrona ou na mesa de cabeceira, basta premer um botão para ligar ou desligar o aparelho, escolher qualquer de seis estações preferidas e regular o volume com a mesma facilidade com que se toca uma campainha, acabando assim com a inconveniencia de ter que ir ao aparelho para o regular para uma outra estação.

O governo a distancia dá lugar á

possibilidade de se poder gosar os programmas em todas as partes da casa. Tem sido predito que as residencias do futuro serão feitas com installações especiaes para este systema. Serão installados bocaes especiaes de ligação de modo a que os alto-falantes collocados no tecto ou na parede de cada quarto possam ser ligados com o aparelho de governo a distancia, permitindo que o aparelho de radiophonia dali seja regulado.

O aparelho receptor de radiophonia pode ser completamente regulado de qualquer ponto com o systema de governo a distancia por meio de dez botões de pressão com diferentes marcas, collocados em uma pequena caixa de metal que é ligada ao receptor por meio de um cabo em forma de fita consistindo de doze arames.

E' possível obter estações diferentes das seis principais previamente escolhidas operando dois dos botões, um que pertença a uma estação de onda um pouco mais longa e outro de onda um pouco mais curta, regulando



ANTES DEPOIS

Resultado obtido pelo uso das PILULES ORIENTALES

Bemfazejas - Reconstituintes
(Appr. D.N.S.P. sob o N° 87 em 25-6-1917)

Exigir o frasco de origem sobre o qual
devem figurar o nome e o endereço de

J. RATIÉ, Pharmaceutico
45, Rue de l'Ecliquier, PARIS

A venda em todas as Pharmacias.

a recepção de ouvido. O botão de onda mais longa tende naturalmente a dar volta ao mostrador em uma direcção e o de onda mais curta em direcção contraria. Pela operação combinada destes dois botões torna-se possível regular o receptor para qualquer comprimento de onda desejado, sempre que este esteja entre os comprimentos que aquelles dois botões representam.

LAVOLHO



Quem é esta estrella do cinema que usa LAVOLHO duas vezes por dia para conservar o brilho, juvenil de seus olhos? Examine bem seus olhos esta noite, applique o LAVOLHO e veja novamente de manhã como elles estão. "Olhos saudaveis devem ser, primeiramente, olhos limpos. Um collyrio apropriado limpa os canaes lacrimaes, tonifica as membranas situadas por baixo das palpebras e impede o envelhecimento dos olhos." O LAVOLHO-Collyrio Antiseptico banhe os seus olhos duas vezes por dia e verá como elles recuperam todo o brilho da mocidade.

A belleza dos cabellos é tudo para um conjunto harmonioso; para conseguil-o basta empregar o tonico maravilhoso que é a JUVENTUDE ALEXANDRE. Vende-se em qualquer pharmacia ou drogaria. Preço 4\$000 e pelo Correio 6\$400. E' depositaria a Casa Alexandre — Rua do Ouvidor, 148 — Rio de Janeiro.

SEIOS

DESENVOLVIDOS, FORTIFICADOS e AFORMOSEADOS com A PASTA RUSSA, do DOUTOR G. RICABAL. O unico REMEDIO que em menos de dois mezes assegura o DESENVOLVIMENTO e a FIRMEZA dos SEIOS sem causar dano algum á saude da MULHER. "Vide os attestados e prospectos que acompanham cada Caixa".

Encontra-se á venda nas principais PHARMACIAS, DROGARIAS e PERFUMARIAS DO BRASIL.

AVISO — Preço de uma Caixa 12\$000; pelo Correio, registrado réis 15\$000. Envia-se para qualquer parte do Brasil, mediante a remessa da importancia em carta com o VALOR DECLARADO ao Agente Geral J. DE CARVALHO — Caixa Postal n. 1.724 — Rio de Janeiro.

MODA E BORDADO

Numero de Agosto á venda

250 PALAVRAS OU MENOS POR 5:000\$000

A "SUL AMERICA" organizou um concurso sobre o thema "O QUE O SEGURO DE VIDA REPRESENTA PARA MIM". A qualquer pessoa é facultado enviar, até 31 de Outubro de 1931, uma composição sob a forma de carta, artigo, novella ou dissertação até 250 palavras, expondo o que pensa sobre o seguro.

Serão distribuidas as recompensas seguintes:

- Um 1º PREMIO de 5:000\$000
- Um 2º PREMIO de 2:000\$000
- Um 3º PREMIO de 1:000\$000
- E 20 PREMIOS de 100\$000

O Jury compõe-se dos Srs. Drs. James Darcy, Aloysio de Castro, Vergue de Abreu, João Ribeiro e Alvaro Pereira.

Para informações mais minuciosas dirijam-se á Companhia, solicitando a remessa de um folheto explicativo.

"SUL AMERICA"

Caixa Postal 1946

Rio de Janeiro

Na Feira de Amostras



O "stand" da firma Ribeiro de Abreu & Cia.

No commercio de sal do Brasil avulta, pela sua importancia, pelo alto conceito em que é tido o seu producto e pelo merecido credito de que goza, a firma Ribeiro de Abreu & Cia. O "Sal Mossoró", marca "União", por isso mesmo, não poderia deixar de apresentar-se na Feira de Amostras. O seu "stand" tem attrahido as attentões.

A firma acima tem como chefe o distincto sportman Sr. Cyro Ribeiro de Abreu, figura destacada do nosso commercio e da sociedade carioca, membro da directoria do Automovel Club

do Brasil, joven industrial e commerciante que, desde o inicio de sua vida, fez um perfeito conhecimento dos negocios de sal, aprendizado que lhe deu a larga somma de experiencia que hoje possui.

O sal "Marca União" tem hoje grande preferencia não só no uso domestico, como também nas industrias derivantes da pecuária, em todo o Brasil, empregando-se em larga escala o producto nas xarqueadas do nosso interior, na fabricação de productos lacteinios, etc.

OLYMPIO MATHEUS

ADVOCADO

RUA DO ROSARIO, 85 - 1º and.

TELEFONE: 2-1224

DENTE escuro, desviado, abalado, piorrhéa, fistula, geng. sangrenta, cura certa; exame gratis. T. 2-0360, 7 de Setembro, 94, 3º. Dr. R. Silva

PARA TODOS

Rio
29 — VIII — 1931



Nos clubs de Copacabana

Em cima: o presidente do Praia Club, senhoras, senhoritas e senhores que tomaram parte na Noite de Arte de 29 deste mez. Em baixo: um grupo apanhado durante a reunião de sabbado no Atlantico Club.

PAUL MORAND



O Rio recebeu terça-feira um dos mais notáveis escriptores da França e um francez excepcional: o único do seu paiz que sabe geographia... Paul Morand tem andado pelo mundo todo. Desde 1913, quando Darius Milhaud lhe descreveu a Bahia, "a Roma negra", o desejo de vir até cá se fixou nelle. Veiu. Bemvindo, Paul Morand!

Esse homem de 43 annos não pára, não descança. Possui já a sua lenda. Mas a sua verdade é esta: Paul Morand nasceu em Paris no dia 13 de Março de 1888. Filho de Eugène Morand, autor theatral e director da Escola das Artes Decorativas. Logo que deixou o collegio esteve em Munich, em Edimburgo, em Oxford. As primeiras viagens... Em 1912, entrou para a carreira consular. No anno seguinte, passou para a diplomacia propriamente dita. Era attaché da Embaixada em Londres quando foi chamado para a guerra. Depois, voltou a Londres, trabalhou em seguida no Quai d'Orsay, partiu para Roma, mais tarde Madrid. Em 1920, foi nomeado chefe da secção do serviço das obras francezas no estrangeiro. O livro inicial de Paul Morand foi de poemas: "Lampes à arc" (1919). O segundo tambem: "Feuilles de temperature" (1920). De 1921 em diante só deu prosa, desde "Tendres stoks". Eis a lista das obras até ago-

ra publicadas por Morand: "Ouzert la nuit" (1922), "Formé la nuit" (1923), "Lewis et Irène" (1924), "L'Europe galante" (1925), "Rien que la terre" (1926), "Le Voyage" (1927), "Bouddha Vivant" (1927), "Magie Noire" (1928), "Paris-Tombouctou", (1928), "Hiver caralbe" (1929), "La Vitesse" (1929), "Champions du monde" (1930), "New York" (1930), "1900" (1931). A viagem é o vicio de Paul Morand. Por isso mesmo, elle disse um dia: — A preguça é a mãe de todos os vicios, mas o vicio é o pae de todas as artes...



EM LISBÔA

O Embaixador do Brasil, Senhor Dr. José Bonifácio de Andrada e Silva, assignando, em nome da Academia Brasileira de Letras, o accordo orthographico. Presidiu a reunião o escriptor Julio Dantas, presidente da Academia das Sciencias.



C. C. P.

O chefe de policia e o 4º delegado auxiliar na posse da nova directoria do Centro de Commissarios de Policia do Rio.



PINTURA

Inauguração da mostra de pintura argentina, no Palace Hotel



O DINAMISMO DA ARTE MODERNA

N E W - Y O R K

A imaginação deu ao homem duas faculdades, que o amparam na existência, tornando o caminho da vida mais suave, mais agradável. Filhos da imaginação, precursores das ações ponderadas, da ciência, da civilização, tão antigos quanto o próprio homem, vêm com ele caminhando o amor e a arte.

Em seu magnífico compêdio, "Philosophia da Arte", o precioso Licínio Cardoso revela quão útil se torna o conhecimento histórico de um povo para bem julgar o sentimento artístico que dele provém. "A arte, disse o sábio mestre, é o meio pelo qual uma civilização fala ao mundo". A capacidade de visão naturalmente varia de acordo com a educação, os preconceitos, o meio físico, a hereditariedade.

Hegel estabeleceu que a arte passou por três fases, simbólica, clássica e romântica, correspondendo ao Oriente, à Grécia e ao mundo moderno. Esqueceu-se, entretanto, o insigne filósofo que com a civilização atual, com as mudanças efetuadas na vida humana, fatalmente havia de seguir-se uma transformação radical na concepção artística. "Uma organização social nova, ainda afirma Licínio Cardoso, exige uma arquitetura também nova, ela não se pode traduzir a si mesma sob modelos e formas correspondentes a estados sociais anteriores e diversos".

A arte que imortalizou os povos antigos, o esplendor da beleza artística expressa pelos gregos, o fulgor empolgante de um Raphael ou Leonardo Da Vinci, fizeram em dada época vibrar o sentimento humano em suas mais sensíveis cordas.

Mas o romantismo teve de ceder lugar as idéias realistas que foram reveladas ao bom senso da humanidade. Apareceram os radicais, rasgando, num movimento brusco, o véu do idealismo, mostrando o mundo tal qual é, vingança, erro, maldade, perfídia, ilusão. Depois, como se a esfera humana se movesse rápido demais, para externar seus pensamentos em longas e pomposas frases, os simbolistas quiseram deixar adivinhar aquilo que insinuavam.

O belo, mudando de aspecto, à medida que a vida corre, apresenta-se na atualidade revestida de característicos, cujo apanágio grandioso e exótico enche de entusiasmo o mundo moderno. Desapareceram as medidas geométricas, a preocupação da realidade empolga, seduz. A vida movimentada do século XX criou o arranha-céu. Cidades, cujo cimo levanta-se audaz acima das construções antigas, é um poema de arrojo esse esqueleto metálico. E' o próprio símbolo de nossa era, época das produções vultosas, das cifras colossais, da vida inquieta, dinâmica, que nos arrasta no movimento alucinante da vida que passa...

E L I S A B E T H B A S T O S D E F R E I T A S

EM TRÊS PARTES...



O chefe e o palhaço

DONO do *music-hall* falava oito linguas. Como todas as pessoas que falam oito linguas, ele creára — sem dar por isso — um nono idioma. Esse nono idioma ninguém entendia.

Mas mister Brown tinha uma mimica incomparavel. Quando falava inglês com um inglês, as suas palavras não conseguiam tornar incompreensível a linguagem dos seus gestos e do seu rosto. Por isso, mister Brown jurava que os cegos eram também surdos: quando conversava com eles

O seu cerebro de diretor de *music-hall* era como essas caixas portateis de ferramentas. De tudo e de nada. O martelo é pequeno demais para bater um prego. A chave não consegue torcer o parafuso. Entretanto, quem olha todos os utensilios enfileirados, fica convencido de que

pode até fazer mobílias. Mister Brown guardava, no cranio, circos, operas, comédias, bailados, magicas. Mas em pedaços. Na noite em que ele viu a "Aida" completa ficou enojado porque depois do Celeste Aida"... não entraram os malabaristas.

Como todos os diretores de "variété" — mister Brown gostava de prevenir, no cartaz, que o artista vinha de muito longe. "Los Macanudos", vindos diretamente de Odessa para o Olympia. A distancia influe bastante, nesses espetáculos. Diante dos bailados dos "Los Macanudos", o espetador ficava muito sério e atento. Era um problema que valia o dinheiro da entrada saber se eles dansavam para mostrar duas

pessoas vindas de longe, ou se tinham vindo de longe para mostrar dansas...

Amorosamente, mister Brown era muito uniforme. As suas aventuras eram sempre iguais como os "números" do programma. Adorava as bailarinas: quando não bailavam. As suas favoritas tinham o contrato sempre renovado. Quando começavam a cansar, ele arranjava bailes á Loie Fuller: na tréva. O público adora bailados em que as bailarinas desaparecem. Loie Fuller foi genial.

O amor de mister Brown era também em pedaços. Os seus coloquios, no camarim, eram interrompidos a todo o momento. Reunindo esses pedaços, ele não conseguiria



fazer um bom romance. Mas faria, com certeza, um jogo de paciência admirável.

*
* *

A mentalidade artística de mister Brown surpreendia. Cantora lírica que cantasse no Olympia podia — na sua opinião — cantar no Metropolitan. Embora nem todos os artistas do Metropolitan pudessem cantar no Olympia...

Tito Schipa — por exemplo — que ele conhecera em vitrola, não lhe agradava. E ele dizia, solenemente, fazendo o grosso charuto correr uma escala no teclado surdo dos seus grandes dentes: "Se esse sujeito aparecer por aqui, digam que não ha vaga..."

E tinha um prazer satânico em

imaginar o "divo" às voltas com a miséria.

*
* *

Ha pessoas que se suicidam com tanta inteligencia que a gente desejaria que elas pudessem viver d'esses suicídios.

Mister Brown matou-se um mês depois da abertura do "Capitol", o "variété" do seu terrível concorrente Langdon.

O "Capitol" era mais luxuoso e cobrava menos. Os seus artistas vinham até do Polo. Langdon impingira, com exito, dois hamburgueses por esquimáus. Mister Brown por muito favor fizera, de dois calabresses, peles-vermelhas...

O Olympia ficou às moscas, isso dito com benevolencia. Na verdade, nem esses insetos pareciam apreciar



Trapezio da morte

as cadeiras vazias do ex-famoso music-hall.

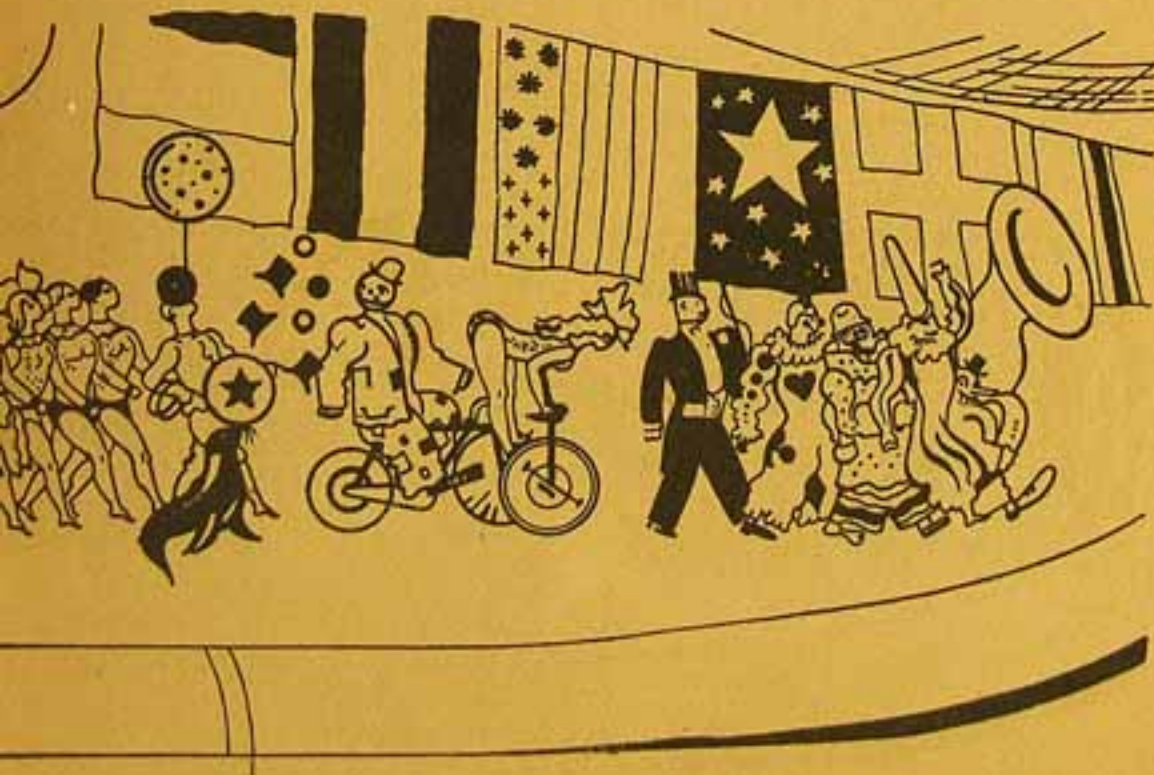
Mister Brown definhou. Ofereceram-lhe a direção de uma companhia de comédias. Ele não quis. Repugnavam-lhe os espetáculos inteiros. Sem uma chanteuse à voix", sem um "fenomenal trapezista", sem o "rei dos ventríloquos" e outros fragmentos ilustres e variados, a arte parecia-lhe fácil de mais. Ele gostava de viver perigosamente, entre uma nota falsa do soprano e uma queda do acrobata...

*
* *

Morreu como um genio. Deitou-se sobre os trilhos, pouco antes da passagem do trem "seculo XX", o vertiginoso.

Encontraram-n'o na mesma roite, dividido em três partes, como os seus programas. (Os programas do Olympia eram sempre em três partes).

Em hipotese alguma mister Brown morreria inteiro como qualquer diretor de teatro lírico...



TODO mundo que viu Sere-nata julgou Adolph Menjou um grande talento. Passou para mão de outros diretores um desastre. Foi para Paris e o fracasso aumentou... Fatava-lhe a massa cinzenta do grande e admirável Abbadié d'Arrast...

Outro dia vi a ex-Salomé — a querida e escultural Betty Blythe, muito gorda, envelhecida e fazendo fita comica! Que coisa efemera...

Gosto de George O'Brien porque é sincero e não esconde que o seu unico merito é ter musculos de ouro...

Kay Johnson, Sue Carol, Clara Bow e outras gorduchinhas fizeram a reabilitação da banha...

Calculo a tristeza de Lubistch ouvindo os gritos "operarios" da esganiçada Jeanette Mac Donald...

Todos pensam que grande sucesso de bilheteria quer dizer boa fita...

Depois dum dia intenso de trabalho, cheio de toda especie de ruido, desejamos o silencio. Quando muito um pouco de musica. Vem o cinema e estupidamente entra pela diversão, copiando escandalosamente marteladas, tiros, apitos e choros todo o barulho que desejavamos esquecer...

O valor de "Setimo Céu" é Franz Borge; o de "David, o caçula", Henry King; o de "Turba", King Vidor; "Docas de New York", Joseph von Stenberg, no entanto, as publicidades numa ignorancia aterradora só falam nos bonecos de mola que se chamam. Gaynor, Barthlemess, Murray, Bancroft e outros menequins do fone...

Gozei muito quando vi um cinema intelligentissimo de arrabalde anunciar: "Amor de Zingaro" (esquecendo o tal baritonio): "Hoje o grande film de Stan Laurel e Oliver Hardy"...

No cinema silencioso o subentendimento entrava pelos olhos. Nos talkies atarraxa-se nos ouvidos indefesos...

Lupez Velez é uma pequena bem interessante. Pelo menos provoca. No entanto, os inimigos aconselham-na que deve imitar a histerica Dolores del Rio! Será que ela deseja ficar uma imitação da horrenda tuberculosa mexicana?

"Romance" grande decepção. A voz de Garbo outra... É uma alegria: Clarence



Brown não poud subrepujar o que tinhamos visto no teatro. Greta Garbo andou piscando o olho como qualquer Clara Bow e deu uma gargalhada como qualquer Harold Lloyd. Ah! Orquidêa silvestre! O seu valor está no silencio misterioso do olhar...

Gosto dos alemães porque souberam fugir á standardização da casamenticia cinematografia yankee...

Marilyn Miller, Irene Bordoni, Ina Claire, Harry Richmann e outras carinhas cantadoras da Broadway mostraram que para vencer em Hollywood voz apenas não é documento...

"Tempestade sobre a Asia", "Jeanne D'Arc", "Manolesco"... Cuidado americano, maquina só não é documento...

O número de negros é tão grande nos Estados Unidos que eles viram um sucesso de bilheteria fazendo "Aleluia"...

Todo cantador tem o nome com letras gordas no cartaz. Ordinariamente o valor do film está no diretor de cena. Mas os berradores como trazem a vaidade teatral invertem a taboleta...

Ah! Marlene Dietrich, você estava faltando! Eu não conhecia você mas já tinha saudade, e depois só em saber que sua perninha é mais gorda que a da Greta Garbo...

Os americanos, que são tão fortes e alegres, escondem o maximo possivel o lado feio da vida. Por isso é um susto quando vemos um cadaver ou um enterro como em "Turba" e "Ouro e Maldição".

Cousa interessante: Rudolph Valentino, teve milhares de imitadores, ninguem o substituiu. Um trono vazio ainda.

Por que será que em todas as cenas de Eric Von Stroheim ha um crucifixo?

Flapper é um tipo devasso com desculpas de modernismo cinematico...

Com prazer notamos a decadencia de Marion Davies, Corinne Griffith e outras cava-lheiras... Na verdade elas nunca foram re-

almente artistas. A descida rapida é pela subida depressa...

O s americanos, não contentes com os berros sincronizados, estão recorrendo á mediocridade da tecnicolor. Querem deslumbrar a turba, os talkies já sentiram efeitos do erro, agora o colorido de belchior...

Lon Chaney, uma lagrima para a sinceridade da sua arte. E um grande adeus para "Ironia da sorte"

e "Castelos de ilusões" que o cinema não poderá construir.

Collen Moore, coitada, morreu — isto é, apagou-se — ficou no seu lugar a mediocridade maluca de Joan Crawford.

Peor que uma sogra, um velho neurastenico, Joan Crawford ou uma dor de dentes, só um film todo hablado em castelano...

Flirt, volubilidade, leviandade, tentação, it, mulherismo, tudo e vampirismo para encobrir o ordinarismo realista...

Lawrence Thibett — isso é cara que se apresente seu berrador?!

Quando os americanos querem terminar um film, promovem quasi sempre um estúpido casamento.

Mas o casamento nunca é o fim. Quando muito é o começo das grandes tragedias que eles não sabem compor...

Dizem: "os alemães fazem 200 fitas por ano. Uma é o melhor do mundo. 199 são os piores do ano".

Os americanos com todo o ouro produzem 2.000 (dois mil) films e, no entanto, nenhum supera o melhor film teuto.

O segredo do cinema que fez desaparecer as sardas de Joan Crawford não poud esconder a velhice de Mae Murray e Renée Adorée...

A melhor cena de "Fera do mar" na primitiva edição era o diretor apresentar John Barrymore pelo pé; marcando compasso na verga; acompanhando a musica dos marinheiros lá em baixo no tombadilho. Frizava assim o motivo do film: a perna que o heroi acabaria perdendo. Com o barulhão sincronizado, aparece "Moby Dick", o coitado do Ahab faz piruetas de palhaço de circo e desaparece todo o tratamento e motivo sentimental.

Charlie Chaplin foi o unico diretor que não aceitou o palavreado de cinema-xarope. Tambem é o unico considerado genio nos arcaicos da grande fauna cinematografica.

M
u
s
i
c
a



Undine de Mello, com 14 annos e alumna de Dona Alcina Navarro de Andrade, realizou o seu primeiro recital de piano, no dia 20, e teve um grande exito.



O salão da A. E. C. durante o recital de Undine de Mello.

"Para todos..."



Declamação

Este é o ultimo numero de "Para todos..." editado pela Sociedade Anonyma "O Malho". Em assembléa geral realizada terça-feira, 25 deste mez, por proposta do Senhor José Pimenta de Mello Filho, director thesoureiro, foi o título de "Para todos..." doado aos senhores J. Carlos e Alvaro Moreyra, directores da revista, os quaes continuarão a publical-a sob sua exclusiva responsabilidade. Os agentes da Sociedade Anonyma "O Malho" serão informados pela gerencia da antiga empresa de todas as deliberações tomadas na assembléa geral desta semana.



Yvonne Muniz Bastos, que tem sido tão admirada pelo seu jeito original de dizer versos, é uma pequena artista encantadora. Ella vaee fazer um recital, em 5 de Setembro, no salão Nicolas.



Dona Maria dos Santos Mello, pianista e professora do Instituto Nacional de Musica, onde era queridissima. Morreu no dia 16 de Maio deste anno. Deixou discipulas que honram a sua memoria.



Corbiniano Villaga, cantor, e Oscar Bergerth, violinista. Concerto no Theatro Municipal, hontem. Em baixo: Ophelia Nascimento, pianista. Concerto no Theatro Municipal, sexta-feira da outra semana.





No Trianon: cenas do 3º acto da comédia de Renato Vianna: "A Última Conquista".



Decoração de Lula. No palco: Procopio, Cazarre, Regina Maura e Luiza Nazareth.

THEATRO



SOCIEDADE

A porta da Igreja de São Francisco Xavier, depois da missa em acção de graças pela terminação das obras da sede do "Tijuca Tennis Club". Em baixo, à direita e à esquerda: aspectos da Exposição Vicente Leite, em Fortaleza.



No baile da União dos Empregados do Commercio. A esquerda: no cemitério do Cajú: visita da Escola Alcindo Guanabara ao túmulo do seu patrono, em 20 deste mez, 13º aniversário da morte do grande jornalista brasileiro.

P I N T U R A



BAILES

De ALVARO MOREYRA

BAILE grande não é bom. Ótimo é baile pequeno, também chamado de festinha, reunião entre pessoas conhecidas. Em geral as pessoas não se conhecem. Mas dançam. Eu não danço. Não danço por três motivos além de outros: primeiro, porque sou meio encabulado; segundo, porque desconfio que sofro do coração; terceiro, porque não sei dançar.

Prefiro vêr, ouvir. No sábado, junto de uma janela, escutei isto:

- Você gosta mesmo de mim?
- Gosto.
- Muito?
- Muito.
- Jura!
- Juro.
- Então vamos casar?
- Com quem?

Era uma moça de olhos imensos ao lado de um rapaz de bigode cinematográfico. Ela, dentro de um vestido azul, longo, bonito. Ele, todo de branco, menos a gravata preta e os sapatos pretos: branco a rigor...

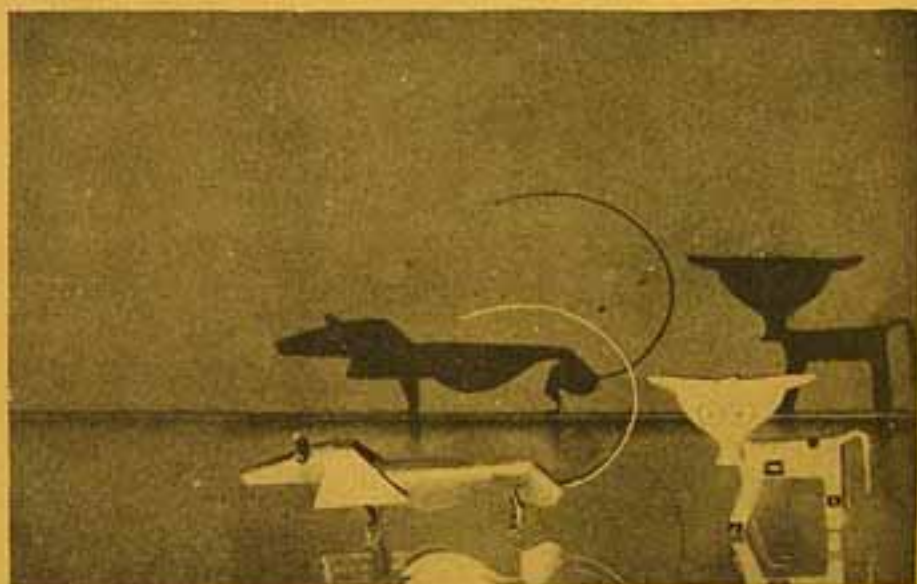
Na sala de jantar um cavalheiro sem cabelos perguntou à dona da casa, em segredo, mostrando com os beijos uma senhora encostada na mesa e que comia empadas enternecidamente:

— Quem é essa senhora que não fecha a boca?

— Mulher de um dentista. A boca aberta é admiração pelo marido.

De todas as artes, a vida ainda é a mais inteligente. Nem passadista nem modernista nem futurista... A vida apenas. A vida sempre. Qualquer baile em que eu entro logo me recorda um que houve, ha muitos anos, na arca de Noé. Baile que devia pertencer aos argumentos em favor do divórcio.

Naquêle transatlântico remoto, o comandante impunha o maximo respeito. Por ordem dêle, os pares não podiam variar. Pares fixos. Casaes indissolúveis. Cada um com a sua uma. Noé servia de exemplo: só dansava com madame Noé. De repente, a Light interrompeu a luz. Chi! Foi uma gritaria, foi uma correria! Na escuridão, a arca gingava, tonta, sobre as aguas. Meio minuto de trévas. A luz voltou. Oh! Quando a luz voltou, todos os animais tinham trocado de mulher...



Cachorros e gatos que não brigam





Em baixo:
Marie
Thérèse
Piérat



Em baixo:
Germaine
Dermos



Vera
Sergine
Pintura de Becan
exposta no Sa-
lão da Arte
Francesa
Independente



No
Teatro
Dau-
nou,
de
Paris:
Spinel-
ly, Debu

Court e Jean Wall
na comédia "La Bel-
le Amour", de Léop-
old Marchand.



(Continuação)

(Tira a cigarreira e oferece)
Puma?... (Acendem os cigar-
ros) E' que eu sou escritor tea-
tral e estou fazendo uma comé-
dia sobre o amor... Sobre certas
dores que o amor provoca...

O Malandro
Não deve ser muito diverti-
da a comédia...

Moacyr
Descobri uma mulher, uma
criatura interessantíssima. Es-
tou estudando o seu tempera-
mento. Para isso simulei uma in-
tensa paixão por ela. Mas a ca-
marada é dura na queda... Ha-
duas semanas que emprego to-
dos os truques sem conseguir na-
da... nem isto... O que eu pre-
ciso agora é de novos elementos
para ganhar a minha partida...
(Confidencialmente) E como me
dissaram que neste café a turma
é boa...

O Malandro
(Com modestia) Exagero...
A rapaziada não é frouxa, mas
também não é tanto assim.

Moacyr
O meu amigo mesmo tem a
"pinta" de ser bom mestre. Que-
rerá dar-me algumas lições?
Olhe que eu sou camarada...

O Malandro
(Superior, sacudindo com
elegância apache a cinza do ci-
garro) Os meus processos não
são muito apreciados pela poli-
cia, mas se lhe podem servir de
alguma coisa...

Moacyr
Magnifico! E' isso exata-
mente o que eu procuro.

Olho de Gato
(Que se tem deixado ficar
junto à mesa, ouvindo a conver-
sa) Ah! o Dr. não podia encon-
trar melhor. O Argentino é bi-
cho nessas coisas.

O Malandro
(Modesto) Amabilidade de
Olho de Gato... Mas tudo de-
pende de nos entendemos...

(Com muita expressão)
Moacyr
(Tirando uma nota da car-
teira e dando-a ao Malandro)
Tome lá, para começar o curso...

O Malandro
(Recebendo o dinheiro com
grande dignidade) Qual é o tipo
da paciente?

Moacyr
Alto bordo... Elegantíssi-
ma...

O Malandro
(Gesto de dinheiro) Cheia?
Moacyr

Cheíssima...
O Malandro
E o senhor, em que carater
se candidatou?

Moacyr
Classe "Gigolo" de luxo,
sem vantagens diretas.

O Malandro
Nessas situações de dinhei-
ro, elas preferem mais os outros.
Gostam mais dos que levam di-
retamente.

Moacyr
Verdade?

O Malandro
E' que, passando o dinheiro
elas estabelecem o direito de pos-
se exclusiva e governo descricio-
nário sobre o "caveira". (Mu-
dando de tom) E quais foram os
partidos que aplicou?

Moacyr
Ramon Novarro, Rodolpho
Valentino...

O Malandro
Não pegam. Elas preferem
Adolpho Menjou... John Barri-

VAMOS para

more... Canlamo e maquis. (Ou-
ve-se fora um violino tocar do-
lentemente um tango)

Moacyr
(Timidamente) Parece-me,
todavia, que com esta...

O Malandro
Com essa, como com todas,
a escola é a mesma. A alma das
mulheres do nosso meio é tanta-
mente "chalaçona", quanto mais
alto elas estiverem colocadas.

Moacyr
Quer dizer então que?...
O Malandro

Que o Sr. deve mudar de tá-
tica. Nada de Príncipe de Gal-
les... Nada de finura. Seja
atrorrante. Atorrante chique,
mas atorrante sempre. Para uma
mulher da classe deusa, basta a
maneira do fumar... de usar o
chapéu... e a de meter as mãos
nos bolsos, para que elas nos en-
tendam... (Durante a fala vai
ilustrando a mesma com as atitu-
des correspondentes.)

Moacyr
De modo que...? (Ouve-se
mais perto o violino de ha pouco)

O Malandro
Vou apresentar-lhe alguém
que o pode mostrar bem melhor
do que eu. (Vai ao P., solta um
assobio fortíssimo. O violino da
rua cala-se) O Pedro Barão po-
derá dar-lhe melhores luzes, não
obstante seu defeito...

CENA XXI

Os mesmos, o CEGO e o
GUIA

O Cego

(Da porta) Malandro?...
O Malandro

Entra, Pedro... (O cego
adeanta-se, pela mão de uma
menina que lhe serve de guia e
traz sob o braço o violino)

O Cego
Bom noite... Chamas-te-
me, Malandro? Precisas de
mim?...

O Malandro
Pouca coisa. Um caso a re-
solver...

O Cego
Qual é o caso?
O Malandro

Um amigo apaixonado por
uma mulher arisca e que precisa
de tuas luzes.

O Cego
As luzes de um cego?...
Enfim, como não fui cego toda
a vida... (Moacyr toma a mão
do cego e aperta-a cordialmen-
te) Ah! é o senhor?... Mão fina,
gente de tom... eu também ti-
nha as mãos assim, no tempo em
que acreditava nas mulheres...

Moacyr
Não cre mais nas mulheres?
O Cego

A gente não deve crer nas
mulheres. Deve obrigar as mu-
lheres a acreditarem na gente.
Eu sempre fui assim. Quem so-
fre por causa do amor é porque
não sabe que os homens foram
feitos para ser respeitados pelas
mulheres. Elas é que estragam
tudo com as poesias.

Moacyr
Você é filósofo...
O Cego

Entendo um pouco da vida...
O amigo, pelo que vejo, está es-
tudando o temperamento de uma

mulher... Não faça isso. Não
estude. As mulheres não foram
feitas para ser estudadas, mas
ser amadas.

Moacyr
E quando elas se esquivam?
O Cego

Dá-se um tiro na "tape-
ção"...

Moacyr
Não se pôde então ser ama-
vel, romântico, sentimental?
O Malandro

Claro que pôde...
O Cego
E' logico...

Moacyr
Não entendo...
O Cego

Pois é muito facil de enten-
der...

Olho de Gato
A gente espera ou prepara
a oportunidade. No momento
necessario dá o golpe. Tem que
ser certeiro.

Moacyr
Então o amor é uma ques-
tão de oportunidade?
O Cego

Sempre foi...
Moacyr
E se falhar o golpe dado no
momento oportuno?

O Malandro
Prepara-se outro melhor...
Moacyr

E depois?
O Cego
Falhando ainda, desiste-se...

O Malandro
Desiste-se porque o terreno
não serve... Procura-se outro
terreno.

Moacyr
E quando a gente não pôde
desistir?

O Cego
Aprende a curtir em segre-
do a classica dôr de Butterfly...

Moacyr
Não se pôde ser indiferente?
O Malandro

Pôde-se, mas o melhor é ou-
tra mulher no meio...

Moacyr
Que buraco!...
O Cego

O senhor parece que agiu
mal de começo... Foi estudar a
alma da mulher. Isso é muito
mau. A mulher age apenas por
instinto. Por instinto ela desco-
bre tudo. Pega o ponto fraco da
camarada e começa a brincar
com elle.

Moacyr
Qual deve ser então o meu
papel no caso?

O Malandro
Calma... O senhor não sai-
rá daqui pagão...

Moacyr
O meu amigo não bebe?
O Cego

Com muito prazer...
Olho de Gato
Vinho?

O Cego
Cognac. Eu gosto dos lico-
res fortes... Olho de Gato vai
buscar e trar em seguida.

Moacyr
E esta menina, não corre o
perigo de se perder? No meio
em que vocês vivem...

O Cego
Esta é que não se perderá
nunca. Já conhece todos os ris-
cos e todas as maldades do mun-
do para poder evitá-las.

O AMOR

P E Ç A

E M

7 QUADROS

D E

IBIRASIL
GERSON

Moacyr

(A' menina). Gostas muito
deste homem? (Indica o cego).

A menina

Gosto muito. Ele é meu pai.
É muito bom para mim... Mãe
também era... Mas depois
deixou de ser...

Moacyr

Você conheceu sua mãe?

A menina

Eu era muito pequenina
quando ela foi embora e nunca
mais voltou... Papai ficou en-
tão muito triste, e principiou a
chorar porque mamãe foi embo-
ra. Ele saiu pelo mundo a pro-
curar mamãe, e procurou tanto,
por toda a parte, sem nunca po-
der encontrá-la. E ficou cego.
Eu sempre lhe perguntava: "Pa-
pai, por que você ficou cego?" e
ele respondia: "Um desastre,
minha filha, um incêndio..."
Mas eu acho que ele ficou cego
de tanto chorar procurando ma-
mãe"...

O Cego

Os lírios mais puros são os
que nascem nas vizinhanças dos
pântanos. A esta eu saberei con-
duzir de modo a que ela fuja ao
destino fatal de todas as mu-
lheres...

Moacyr

Como assim?

O Cego

É que Deus não soube fazer
o mundo... Fez a mulher mais
fraca do que o homem, mas se
enganou ao colocar o coração...
Pôs o coração do homem no cor-
ção da mulher, e o coração da mu-
lher no corpo do homem...
(Outra pausa)

O Malandro

(Atirando ao chão com fôr-
ça o cigarro). Tenho uma ideia!

Moacyr

Qual é?

O Malandro

O senhor nunca lhe fez
ameaças?

Moacyr

Não...

O Malandro

Vai fazer agora...

Moacyr

Como?

O Malandro

Escrevendo uma carta...

Moacyr

Isto é fácil...

O Malandro

O senhor é literato, mas a
quem vai ditar a carta sou eu...
As imagens são muito especiais.
Tem papel? Lápis?

Moacyr

Tenho aqui. (Tira do bolso).

O Malandro

Vá escrevendo... Como se
chama ela?

Moacyr

Lisette...

O Malandro

Escreva: "Lisette — O teu
procedimento comigo é apenas
infame. Tenho procurado por
todos os meios provar-lhe o meu
amor, e você tem sido indife-
rente a tudo. Ridiculariza-me
até..."

Moacyr

(Entusiasmado)...
Magnífico!... (A Olho de Gato).
Renove as doses, Olho de Gato...
Olho de Gato
(Cumprindo a ordem). Bra-
vos! Gosto dessa entusiasmo!

O Malandro

(Continuando a ditar). Mas
a minha reação será feita hoje.
Prepare-se para ter o seu lindo
rosto manchado para sempre
com um jato de vitriolo. Talvez
esta carta chegue às suas mãos
juntamente com o vitriolo. Verá
quanto é perigoso desdenhar de
um homem que ama verdadeira-
mente. Pergunte a quem já es-
teve em Buenos Aires qual foi o
fim da Carmen de Alvear. Ela
está para sempre marcada. Seja
feliz. — Moacyr".

Moacyr

Está pronta?

O Malandro

Se depois desta carta você
não arranjar nada, é porque tem
muito pouca sorte nessa história
de mulheres...

Moacyr

E a polícia?

O Malandro

A carta não vai escrita com
a sua letra, mante coplá-la à ma-
quina.

Moacyr

Eu mando a carta...

O Malandro

Claro!

Moacyr

E ela?

O Malandro

Virá maninha como um ca-
chorro...

Moacyr

Eu vou fazer isso hoje mes-
mo? Vai ser um tiro! (Levan-
tando o copo). A' saúde!

Os outros

A' saúde!

Olho de Gato

Quando o homem ama é que
revela o que é... Que gente má,
minha Nossa Senhora!

(Desce o Velário)

QUADRO QUINTO

(APARTAMENTO
DE HOTEL)(Quando o pano sobe, a cena
está vazia).

CENA XXII

LISETTE e o CORONEL

(A campanha toca. Lisette
aparece com um baston de rouge
na mão. Abre. O coronel entra).

Coronel

Você ainda não está pronta?

Lisette

Quasi...

Coronel

Quer ir sempre até à praia?

Lisette

Não combinamos isso?

Coronel

Eu gosto de pedir confirma-
ção, porque a crédito muito
naquela ária do "Rigoletto"...

Lisette

Que ária?

Coronel

(Cantarolando). "La dona é
mobile qual pluma al vento..."

Lisette

Mas os meus desejos a seu
respeito são sempre os mesmos.
A sua vontade para mim é uma
ordem...

Coronel

Eu já sabia... Conheço a
psicologia das mulheres...

Lisette

Então diga-me uma coisa...

Coronel

Duas até...

Lisette

Eu gosto de alguém?

Coronel

De mim...

Lisette

Só?

Coronel

Os seus olhos não mentem...

Lisette

E não ha quem goste de
mim?

Coronel

É lógico... Eu...

Lisette

E mais ninguém?

Coronel

A quem de quem você
não gosta...

Lisette

Não conheço...

Coronel

Esteve hontem outra vez na
nossa mesa no "Beira-Mar"...

Lisette

Aquêle rapaz?

Coronel

O Moacyr...

Lisette

Coitado...

Coronel

Anda até meio doído...

Lisette

Ele contou alguma coisa a
você?

Coronel

Ele estava lá em baixo, no
hall, tomando uísque. Ofere-
ceu-me um cigarro e contou-me
uma historia complicadíssima.

Lisette

Mas então ele não sabe que
você tem qualquer coisa comigo?

Coronel

Ora essa! Efeito do uísque...

Lisette

Pobrezinho... (Com inte-
resse) O que foi que ele disse?

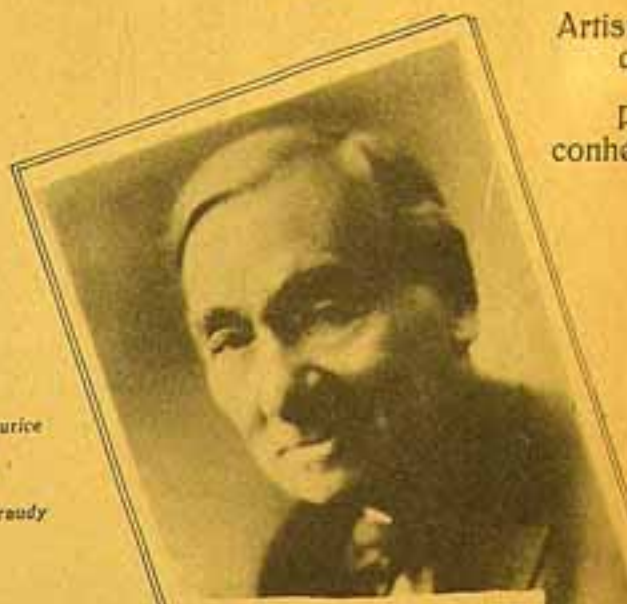
Coronel

Que na primeira vez que se
encontrou com você sofreu vio-
lento choque. Você é o tipo da
mulher que ele gosta. Alta, ma-
gra e loura como uma princesa
nordina a querer ver o sol
numa manhã sem sol dos Jords...
Dona de uns olhos que falam de
mistérios deliciosos... De um sor-
riso bom com um pedaço de
doce leite...

Lisette

E que mais?

Coronel

Disse também que demon-
strou logo a sua simpatia por vo-
cê. Que mandou umas revistas
com este cartão: — "Para você
não conjugar o verbo esquecer"...
E que você conjugou. Acha que
você não devia saber nada de
gramática...(Continúa no próximo nú-
mero).Maurice
de
FéraudyGeorges
DelmarEm baixo:
Amelia Rey Colaço

Olga Nery

Em baixo:
Maria CaballéVictor
Bauer

DANÇA

A base da dança moderna é a expressão cadenciada de cada uma das emoções, realçar de maneira evidente cada estado de alma e para que isto seja possível é preciso traduzir o estado de alma numa imagem bem caracterizada. A pessoa transporta para o gesto e o movimento uma série de aspectos que não deixe dúvida sobre a emoção sentida, mas para que o espectador possa apreciar esta emoção é preciso que cada movimento seja suficientemente demorado e que a sugestibilidade dêle tenha força bastante para comover a assistência. Em suma, a bailarina precisa funcionar como um boneco nas danças puramente simbólicas onde a vida reaparece em uma forma condensada e cada tempo sugere toda uma sátira da vida do homem, e representa um mundo aparte, um ponto de vista peculiar a uma certa ocasião.

Cada tempo é uma prisão, fornecendo os limites desse mundo, a bailarina se pareceria como um motor funcionando de vagar. O outro tipo de dança que logicamente pôde ser deduzido é o isolamento de um desses tempos e a operação de uma análise separando todos os elementos do tempo e apresentando um depois do outro em sucessão rápida — a dança, então, tomaria o caráter de uma curva macia qualquer, porém seria necessário que o escoamento da curva fosse claramente sugerido na dança. Nessas condições a dança produziria uma emoção muito mais forte.

Porém, a música atual ainda não compreendeu as possibilidades da dança moderna; parece que não existe ligação nenhuma entre a nova idéia de dança e a mentalidade dos compositores. Outra coisa importante está no cenário e efeitos de luz. Dansarina, cenário, iluminação e música devem funcionar como se fizessem parte de um mesmo organismo no momento de aumentar a sugestibilidade do tempo e desconjuntamente no momento de dismantelar o tempo.

oOo

Chinita Ullman possui a qualidade invejável de ser expressiva, isto é, de possuir uma sugestibilidade adaptável à idéia de dança moderna, porém ela não se aproveita satisfatoriamente dessa sugestibilidade; muita confusão nas cores do vestuário; a cor é um dos maiores veículos de sugestibilidade e o seu estudo é tão importante quanto os próprios passos do bailado. A expressão, no bailado moderno, se prende à expressão na pintura moderna. Chinita devia estudar as pinturas de Tarsila e Di Cavalcanti como sugestibilidade na cor e forma.

Picasso para sugestibilidade no movimento e outros dos mestres modernos, porque são estes os únicos que podem exprimir em imagens a emoção preconsciente da vida do homem. O talento de Chinita Ullman, a primeira bailarina do Brasil, deve ser todo aproveitado.

Aparentemente a dança ainda continua ligada à música melódica, escravizada a uma forma de rotina secular que poderia bem ser dispensada. A dança não precisa ter nada que ver com a música — poderia ser só formada de luzes e formas móveis e o som poderia ser usado somente para anotar uma mudança de estado, isto é, em vez de ter uma sucessão de sons haveria sons espalhados pelo bailado, infelizmente hábito e tradição fazem com que todo o bailarino dance para uma música em vez de sujeitar os sons ou a música à idéia do bailado. A alma de um bailarino é perfeitamente capaz de absorver toda e qualquer idéia de bailado contanto que essa idéia o emocione a ponto de afastá-lo do jugo do desagradável. Durante a dança o bailarino dá preferência aos movimentos que o colocam em segurança com relação a sua fantasia e regeita todos os movimentos capazes de dismantelar a fantasia. Nesta seleção a assistência toma uma parte preponderante, uma manifestação de desagrado coloca o artista num estado inseguro ameaçando arruinar a "performance". Provavelmente esta é a razão porque os artistas temem inovações e explica em parte porque o bailado ainda é uma consequência da música e não a música do bailado, no Brasil então qualquer progresso é encarado como loucura, o nosso nacionalismo honrado, rotineiro, exige esse sacrifício, o que é um grave inconveniente para o desenvolvimento de qualquer progresso. Uma idéia de bailado nova se impõe como se impôs a pintura, e a arquitetura moderna, o homem moderno está interessado na palavra "eficiência" o que traduzido em linguagem de bailado significa mostrar grandes emoções com poucos gestos, pouca música e pouca luz, isto é acionar por contrastes porque o contraste faz a pessoa compreender as coisas melhor e mais rapidamente, chama a atenção mais depressa. A velha noção de bailado como velha pintura impressionam vagarosamente, ambas têm o ritmo do carro de boi e denotam um estagio na evolução mental do homem, ambas seriam em breve penduradas em museu e vagamente úteis aos melancólicos.

Chinita Ullman e Carleto Thieben são dois excelentes artistas que estão sendo arrastados pela submissão ao jugo da música, o que é uma infelicidade porque nos priva de um prazer que seria apreciado por uma pequena elite e por um grande número de "snobs".

Mas apesar dessa submissão à música ambos os artistas se mostraram sumamente inteligentes; Chinita executou "estática" e "sonambulo" deliciosamente. Carleto mostrou um completo mestre da sua arte em "bacarola" e "polichinelo" e foi emocionante no segundo numero não me lembro mais como se chama.

Vi no camarim de Chinita uma máscara de rara beleza, impressionante; representava uma jovem de feição glacial, branca e dourada e misteriosa como uma imagem tabú, não sei porque Chinita não dançou com essa máscara, é a máscara mais interessante que vi até hoje. Gostaria de ver Chinita com ela num bailado recuando diante de uma máscara de tamanduá ou um outro bicho de nariz comprido.



PALAVRAS E
DESENHOS DE
FLAVIO DE
CARVALHO
SOBRE CHINITA
ULLMAN E CARLE-
TO THIEBEN



C a r i d a d e

Dois aspectos do chá em benefício das vítimas da catástrofe da Armação, realizado sábado, 22, no Palace Hotel.

Em baixo: no lançamento da pedra fundamental da igreja de S. Geraldo.



Religião

Alegria

Em baixo: festa de aniversário da menina Glorinha, filha do casal Antonio Leite, Glorinha com todas "as suas relações", às quais ofereceu doces e bolas de arrebentar.



E s p o r t e

Senhoritas do Fluminense e do Atlantico que se encontraram numa partida de Volley-ball

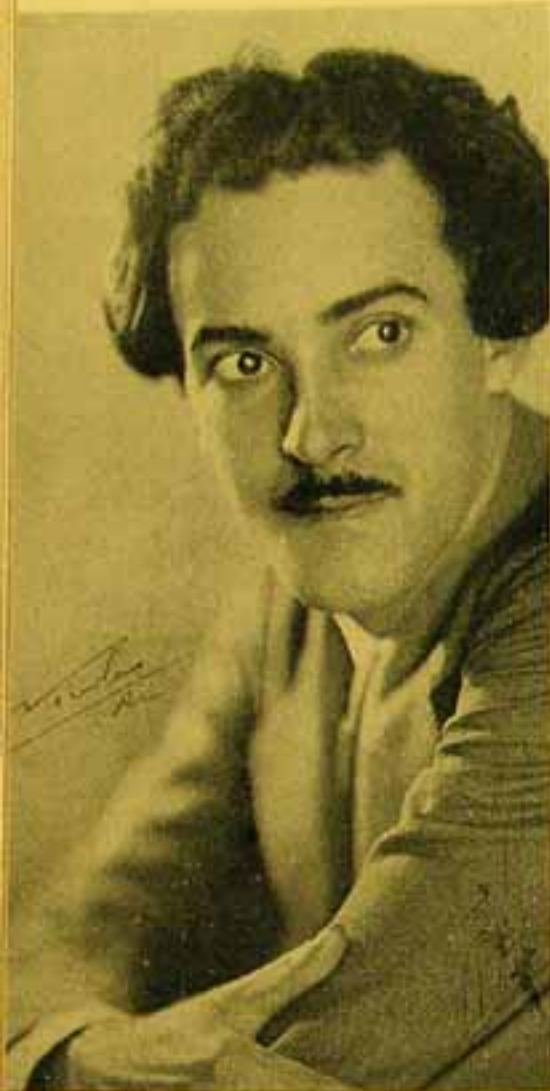




Templo xintoista, Minatogawa, em Kobe. Nascer do sol na praia de Futatabi-ura. Vista geral da cidade e do porto de Kobe. Um artista theatral. Uma geisha. Duas geishas passeiando. Dansarina em frente do seu theatro. Torii e lanterna de pedra do lago do jardim de Akino-Miyajima. Maravilhoso carejal Yoshino em plena florescencia na Primavera.

Japan





CICERO DIAS

QUANDO Freud, esse exorcista estranho, invadiu o terreno da arte, prescrutando os mysterios de nossos instinctos e decifrando as criações symbolicas dos artistas, a esthetica, por sequencia inevitavel tinha de ser completamente renovada. A noção do "bello" oblitrou-se ao perder todos os dogmas que a asphyxiavam tenebrosamente.

Ao peso de tantos seculos de arte consciente o artista comprehendeu que chegara o momento da libertação.

Sómente então, numa attitudo revolucionaria, trazendo no bôjo do pensamento os ideaes de renovação, ainda effervescientes, quasi em ebullição, renunciando ao artificialismo e á rigidez, deixou de parte tudo que a civilização accumulava e procurou a espontaneidade, ainda que primitiva e mais do que isso, grotesca.

Foi esse movimento que deu dois rumos ao artista: a volta ao primitivismo e a procura ao abstracto. Aquelle o guiava para a socialização do sentimento do bello, aproximando-o

da comprehensão de todas as classes. Este, ao contrario, era o caminho do individualismo esthetico.

O artista, portanto, está diante desses dois atalhos com o travo amargo de quem vacilla. De facto, todas as correntes da arte moderna, ou melhor modernista, filiam-se a essas duas directrices torturantes: Abstracção e Primitivismo.

Na pintura essas duas direcções divergentes delineiam-se com nitidez. Na Europa são ellas as duas caracteristicas dos pintores que convulsionam o ambiente esthetico.

Aqui, no Brasil, sem embargo da contestação detarrazada de algum teomanescente do academicismo anachronico, a pintura moderna encontrou em Cicero Dias a mais forte expressão da nova esthetica.

Com uma sensibilidade subtil amalgamada a uma cultura admiravel, o joven pintor pernambucano teve a intuição precisa do que a arte necessitava entre nós e, sem ter ido a Paris se aquecer no fogo sagrado da geração moderna de lá, poudé realizar uma obra espontanea e, sob todos os aspectos, significativa.

Cicero Dias distingue-se de todos os nossos pintores porque é, sobretudo, uma personalidade. Isto é, não soffre e não soffreu jamais influencia de alguem. Comquanto moço ainda, já possui imitadores disfarçados.

A sua pintura não é forjada no artificialismo. Prima justamente pela espontaneidade.

O primitivismo que elle buscou na terra nordestina, em que nasceu, terra mordida e estrupada numa constante tortura pelo sol, dá nos seus quadros um fulgor extranho tal a simultaneidade de figuras fixadas. Por vezes, entretanto, Cicero Dias ennoção-se no abstracto; são quadros introspectivos demais para serem comprehendidos. Como primitivista a arte por socializante, é mais extensa. Já o mesmo não se dá com as suas tentativas abstractas, sem duvida, mais intensas e profundas: desafiam o pensamento e põem crepitações doidas de labaredas no cerebro de quem as procura interpretar.

Tudo revela a inquietação interior de Cicero Dias, talvez, o mais inquieto dos nossos pintores.

Não é apenas o creador dessa arte espontanea nascida no cadinho effervescente do inconsciente. Dentro do estheta existe o homem de cultura, Cicero Dias, personalidade sob todos os aspectos excepcional, ahí mais uma vez é excepção. Raramente, entre nós, se encontra um artista do pincel de vasta cultura. Cicero Dias é um obsecado pelas leituras. Possui uma bibliotheca admiravel de estheta, Jayme Joyce, Freud, Bergson, Einestein, Croce, etc., confundem-se num cahos de idéas e de doutrinas illuminando as estantes do seu "atelier" que é no mesmo tempo um pequeno museu de arte primitiva do Nordeste.

Nenhum dos nossos pintores possui o vigor de inéditismo e a originalidade surprehendente que Cicero Dias possui. Definuiu-se por si mesmo.

Se não me engano o "Salon" da Escola de Bellas Artes vai ser salvo por elle. Não é blague. Pelo menos consta que o joven pintor vai expor este anno um dos seus quadros mais suggestivos. Isso é a melhor recomendação para o salão official, sempre esperado com prevenções razoaveis. Desta vez, não. Basta o nome de Cicero Dias para salvá-lo.

Além de tudo, Cicero é um artista polymorpho. E' escultor tambem. Muita gente ignora. Nesse ponto o Brasil vai assistir pela primeira vez uma escultura inédita, curiosa, que o pintor pernambucano pretende introduzir entre nós. E' a grande surpresa deste anno.

Tudo isso nos permite affirmar o que, aliás, já affirmamos alhures, que Cicero Dias é indiscutivelmente a maior figura do movimento modernista de nossa pintura; o que elle fez na arte, Mario de Andrade realizou na literatura e Villa Lobos na musica.

Muitos não os comprehenderam porque a "incomprehensão" é a desculpa mais cretina que mascara os preconceitos. A esses que dizem não comprehender só ha um meio de corrigil-os: dar o destino do rosto da Victoría de Samotrace...

JOAQUIM RIBEIRO



CINEMA

GARY COOPER
O SOLDADO QUE NÃO
LIGA DE "MARROCOS".



ADOLPHE MENJOU COM O SEU DIRETOR
E. SELWYN E VARIAS OTIMAS, DESCAN-
SANDO DE UM ENSAIO.

VIRGINIA CHERRILL
A CÊGUINHA DAS
"LUZES DA CIDADE".



CHAMA
dos círios
lambia o
silêncio.

A CORÔA DEVOLVIDA

Carlos falou-me:

— Vamos para fora?

Aceitei o convite. Dentro em pouco estávamos na varanda. O vento entrava pela casa, ia à camara mortuária espantar o perfume das corôas. Foi quando nos surpreenderam vozes exaltadas. Estalara, sem dúvida, uma alteração, no andar terreo. Desce-mos, cheios de curiosidade. Uma empregada da casa discutia com o portador de uma corôa. Dizia a primeira:

— E' engano, meu senhor. A criança, que nasceu morta, teria o nome de Gloria, conforme ouvi a mãe dizer. Sendo assim, está visto que a corôa não é para aqui. Veja o que traz na fita: "A' Isadora"... Se não morreu nem mora aqui Isadora nenhuma!

— Mas leia o endereço, minha senhora. Rua "X", numero "X", isto é, o numero e a rua desta casa. Tenho ou não tenho razão.

— De fato, o numero e a rua são os mesmos. Mas houve equivoco. A morta ia se chamar Gloria. Nunca ouvi falar em Isadora, nesta casa.

Ainda insistiu o homem, sem exito. Por fim retirou-se, desesperado, rosnando pragas. Sanada a discussão, entramos, de novo. E quando eu, o pensamento desviado para outros rumos, ia me olvidando do episodio da corôa, senti que Carlos me tocava no hombro, para me dizer, no ouvido:

— Tenho uma linda narração para você. Intitula-se... "A Corôa Devolvida".

— A Corôa Devolvida? indaguei, voltando-me, com surpresa.

— Sim: "A Corôa Devolvida". E' uma historia interessantissima que só eu conheço, graças a certos papeis, trechos de diario, que me vieram, acidentalmente, às mãos. É a historia, cujo desfêcho foi a "corôa devolvida", é tão bonita, tão pungente, que não resisto á tentação de escrevê-la, muito embora me reconheça um detestavel prosador. Pesdêe você á ruim tecnica do "conteur", aos defeitos de construção, ao pouco volume dos personagens. Amanhã você receberá o escrito...

Carlos cumpriu a promessa. Na manhã seguinte, me enviou um volumoso envelope. Era "A Corôa Devolvida" que aí vai sem alteração de uma virgula:

Gabriel fechou o "palitot" num gesto instintivo de defesa contra o frio. Estava deante do mar. Terrível, a colera oceanica! As vagas, soltando a cabeleira tragica de ventos, vinham despedaçar-se de encontro aos lividos rochedos, num longo clamor de espumas. Ao fundo do quadro portentoso, surgia a cordilheira, montada nos horizontes, em doido galopar. Por um momento, esqueceu-se de si mesmo, para fixar o drama

cosmico, o espetáculo das ondas, a angustia dos céus ciudidos de relampagos, a gargalhada de fogo dos raios, o pavor dos alciones colhidos na borrasca. Seus olhos quiscram penetrar o mist-

terio das aguas, para ver o pesadelo das florestas marinhas. Mas, não tardou que lhe voltasse a consciencia da horrirel realidade. Seguiu caminhando, agora alheado do prodigioso cenario, perdido em reflexões sombrias. Pungiu-o, de novo, a obsessão que lhe amargava as horas, desde quando sonhara a proxima reincarnação de Isadora: "Nascerá morta?" A simples possibilidade de que ela morresse ao ser dada á luz, fazia-o sofrer atrocmente. Não morreria, porém; não seria mais restituída á região dos silencias eternos! Viveria, cresceria para o amor! O medico, entretanto, mostrava-se apreensivo, prevendo a necessidade de uma operação gravissima, no transcorrer da qual se fazia possível a morte de uma das duas, da mãe ou da criança, ou mesmo de ambas. E o marido da paciente já se manifestara, peremptorio, acentuando bem, para evitar qualquer confusão: "Sendo imprescindivel o sacrificio de uma vida, que seja a do filho e nunca, em hipotese alguma, a da mãe!" Como afastar Isadora, no dia em que renascesse, dos ferros cirurgicos? A situação de Gabriel era, assim, alucinante: sabia da ameaça que pesava sobre a cabeça inocente da bem amada e não podia esboçar o minimo gesto de proteção, nem desviar a carne bemdita dos instrumentos operatorios. Ia assistir ao miseravel assassinio do seu amor, sem um protesto, forçado a uma quasi cumplicidade com os matadores!

Havia dois anos que sofria, sem espe-



rança de redenção. Chegou a julgar impossível que se libertasse, um dia, da floresta de agonias, dentro da qual se finava. Imediatamente depois da morte da noiva, caiu numa prostração que se agravava, dia a dia. Continuou, ainda assim, durante algum tempo, a sua atividade artistica. Mas, o seu carater sofrera uma profunda alteração, tornando-se irreconhecivel. Sob a influencia do amor, escrevia, antes, uma prosa melodiosa, rica de doçura e de perdão. Só tinha gestos amáveis e contemplava o mundo com tranquila indulgencia, sem revoltas, sem espantos. Sempre se mostrava propenso á pratica da doce injustiça da absolvição. Era um ex-

tasiado, um feliz e um bom. E assim se conservou enquanto poudo beijar a carne comovida de Isadora. Mas, logo depois que ela morreu, modificou-se inteiramente. Ao seu olhar, sem a inocencia e a brandura antigas, a terra, as idades passadas e futuras, apareciam como unico e inalteravel panorama de martírios e soluços. Dai a ironia da sua obra, ironia que era o sorriso da tragedia, o pudor do sofrimento. Dai o veneno irremediavel da literatura de decadencia que iniciou. Queria manter-se num terreno neutro onde não sofresse. Desejava revestir-se da qualidade de mero espectador de um drama colossal. Mas, essa impressão que o illudia dissipou-se. Viu que sofria tambem. Abandonou, ai, a postura serena, a harmonia de atitudes. Não escondeu mais a sua infelicidade. Expôs, sem restrições, a dor ativa, devoradora que o consumia rapidamente. E não escreveu mais uma linha. Com odio de si mesmo, procurou atrofiar-se, anestesiar a alma, obscurecer a memoria, bestializar-se. Conduziu-se para os subterraneos, os sub-solos sociais, os meios da loucura, do crime, do vicio. Amou sua atmosfera vesga que o embrutecia. Começou, então, o processo do esgotamento das forças físicas e mentais. Dir-se-ia que perdera o instinto conservador. Caminhava para a completa degradação, sem um gesto de resistencia. O seu organismo deixava-se invadir pelos elementos corruptores, como se lhe faltasse a simples faculdade de reagir. Sorria Gabriel, á recordação do sonho de conquista que o

exaltara, anos atrás. Uma vez até supôs que viria exercer influência sobre o ritmo material ou moral do universo. Era, nesse tempo, um legítimo condor, destinado a remigios luminosos. Agora, entretanto, estava perdido para o mundo. E lastimava, sem embargo da apatia e da ausência do amor próprio, aquêle fim tristíssimo — a paralização de asas que prometiam surtos empolgantes e a morte de tantas forças. Achava-se sem energia para o mínimo trabalho intelectual. Assistia ao crepúsculo de um mundo e á alvorada de outro. E as reformas, entretanto, não provocavam néle o mínimo impulso de curiosidade, não determinavam na sua vida, incapaz de reações, as convulsões submarinas da intelligencia. Ah, só lhe sobrestava um recurso: Isadora! Se ela reaparecesse, retornasse ao estado material, a aguiça chumbada se animaria de novo, inflamada pela volúpia dos vãos soberanos. Mas Isadora morrera e do seu corpo só restariam miseráveis despojos.

Recordava o quadro da agonia: ela expirando nos seus braços e êle colhendo, da linda e tragica doente, o derradeiro olhar — olhar cheio de assombro, estrabico de terror! A's vespervas da morte, ela exigira, fitando-o apaixonadamente:

— Jura-me — jura-me que não te casarás nunca, que não serás nunca de outra mulher!

Gabriel, amargurado, inconsolável, não hesitou: fez esse juramento e outros mais de fidelidade perpetua. A noiva ainda o fixou, com uns olhos de penetração sobrehumana, para lhe medir a sinceridade. Na noite em que ella morreu, o luar era como uma musica em surdina das estrêlas e a magnolia tremia num pudor divino de seio.

Depois de passar as horas noturnas junto ao cadaver — fiel na vigilia como um círio! — e depois de lhe assistir aos funerais, êle retirou-se, vendo o abismo como a unica ventura possível, fascinado pelo encanto supremo da morte. Queria desaparecer, desejava a serenidade definitiva. Mas, no instante decisivo, recuou, espantado — pobre humano! — em face do misterio do além. Daí o suplicio de todos os dias, de todas as horas, que viemos narrando. Daí as trevas, trevas completas, sem o armistício de uma unica estrela! Se pudesse, ao menos, dormir, esquecer, sofreria menos. Mas até isso lhe era vedado. Antes, o proprio perfume do silencio o envolvia e adormecia como um opio generoso. Agora, se conseguia dormir, interrompiam-lhe o sono pesadelos esquilianos. Não menos atormentadoras eram as meditações das insonias. Deus dos céus, seria interminavel aquêle martírio?

Um dia, porém, teve um sonho que quasi o enlouqueceu. Sonhou que Isadora lhe anunciava: "Regressarei breve; retornarei breve ao estado material". Noites depois, ella falou-lhe em sonho, novamente: "voltarei ao mundo; nessa nova existencia, que começarei a viver em breve, será Helena a minha nova mãe; ella já sente as primeiras dôres da maternidade e, dentro em

poucos dias, me dará a luz". Esse sonho o abalou-o até ás mais remotas profundidades do seu ser. Uma doida esperança o emocionou. Todavia, temeroso de um desgano, que lhe rebentaria o coração, procurou retrair-se, fugiu a uma attitude definitiva. Sem embargo das reservas, inflamava-o a fé, tinha quasi que certeza da volta da bem amada. Procurou refletir, visando um dos pontos essenciais da questão: que Helena seria a aquella? Passou em revista todas as mulheres conhecidas, chegando á conclusão seguinte: a Helena referida só podia ser a esposa de Claudio, um amigo, um amigo seu. Era uma linda moça, casada havia cinco anos, felicissima com o marido. Mas, não tinha filhos, embora o grande desejo do casal. Um medico consultado, vira o caso como irremediavel, parecendo-lhe Helena incapaz para a maternidade. Em síntese: era estéril. Assim, não podia ser essa a indicada no sonho. Quem seria? Não conhecia outra.

Gabriel sofreu com essa desilusão formidável choque. Renunciou a qualquer outra investigação. E recaiu no desanimo antigo, de que só se levantara impulsionado pela fé. Como lutar contra o destino? que resistencia poderia offerecer á força onnipotente da fatalidade cruel? Isadora estava morta, bem morta, perdida para sempre. Julgou ver na breve esperança que o agitara um sintoma de fraqueza mental. Evidentemente confundia-se, o seu pensamento não tinha desenvolvimento logico, a imaginação substituíra o raciocinio. "Caminho para o idiotismo? pensava, com sombria exasperação. Ressurgiu-lhe uma antiga obsessão que só o amor pudera abstar: a obsessão da loucura. A mãe morrera louca: "Escaparei á hereditariedade?" Correu ao espelho, num pavor insensato, cheio de escrúpulos comicos. Examinou-se, procurou na conformação craniana um traço que assinalasse anomalia. Lastimou que não tivesse nenhuma cultura sobre o assunto. E, como em todas as crises de desespero, terminou lançando um apêlo a Isadora. O nome bendito acudiu-lhe aos labios suave, bom como um mel. Se pudesse viver longe daquela incessante ronda de amarguras?

Uma tarde encontrou-se com Claudio, que exclamou, jubiloso:

— Saudações aqui ao futuro pai!

Helena ia ser mãe! Enganara-se, dêste modo, o medico, quando prognosticara a esterilidade. Gabriel ficou imovel, cego de alegria, mal acreditando naquella ventura inaudita que lhe parecia excessiva para um destino humano. Afinal, por que não voltaria ella ao mundo? Despediu-se do amigo e retirou-se, deslumbrado. Pressentia doces fantasmas de perfumes esquecidos. Havia, contudo, em sua intelligencia, vagas relutancias em admitir o fato. Seria possível a reincarnação? Entrou em casa, mais tarde, numa alegria febril. A noite surgia vibrante de estrelas e cigarras. Pensou em consultar livros, procurar amigos, ouvir espiritas. Mas, não se atrevia a tanto, retido pelo medo de uma decepção, de consequências fatais. Se, após tantos desencantos, soffresse outro, não

resistiria ao golpe. Assim, a attitude era esperar que falasse o destino. Sentia, cada vez mais imperiosa, invencível, a necessidade de crer no reaparecimento da noiva. Deus teria piedade do seu martírio, Deus atenderia ás suas supplicas. Então, o exaltou uma intensa paixão religiosa. Viu-se atraído irresistivelmente para as igrejas. Julgava-se ao pé de Deus, quando rolava, solene, comovendo claustros, catedrais e altares, a voz sonambula dos órgãos. Rezava horas e horas, incansavelmente, fazendo pedidos infantis ao Senhor, implorando a restituição de Isadora.

Estava numa terrível depressão nervosa, custando-lhe um pensamento dolorosissimos esforços. As velhas surperstições encontraram, deste modo, terreno propicio para se desenvolver. A' noite, era êle atacado de pavores grotescos: fazia exortações a entidades fantasticas. Nos intervalos lucidos, tinha uma imensa piedade de si mesmo, do seu destino truncado, parecia-lhe estar ás portas da loucura, de que não se restabeleceria jamais. Tudo na terra o espantava. Não raro delirava, pois via imagens, formas, sons, ritmos que nunca encontrara em situação normal. Era, sem duvida, o seu estado morbido que creava esse mundo de seres illusorios.

Só Isadora poderia operar o milagre da cura. Por que não voltaria ella? por que o excelso espirito da bem amada não atendia ás solicitações do espirito dêle? Sentia necessidade de ~~ser~~ para não morrer. Se o seu raciocinio repudiava a esperança da reincarnação, êle domaria, submetteria o raciocinio a uma attitude neutra, que permitisse a imposição da idéa. Iniciou, com esse objetivo, um longo, paciente, inflexível trabalho de auto-sugestão. Afinal, não era demais admitir a volta de Isadora. O depoimento de vultos mundiais da ciencia, constituia, sem duvida, um amparo para a fé que voltava a emocioná-lo. Não se tratava de meras divagações literarias, de fantasias pitorescas, historias graciosas. Eram fenomenos observados escrupulosamente, frutos de investigações experimentais. Quantos casos não haveria igual ao dêle? Sem se apoiar em nenhum fato positivo, o certo é que tinha fé, mesmo porque a fé lhe era indispensavel como um elemento vital. Nutria-se dela quasi exclusivamente; e no dia em que ella faltasse, morreria de inanição.

Começou a frequentar a casa de Claudio, para lhe observar a mulher. Esta sugia-lhe aos olhos, admiravel, como se a maternidade lhe dêsse uma nova e impressionante magestade.

Gabriel a fixava com verdadeira adoração. E ella ia ser mãe de Isadora, ia restituir Isadora ao mundo e á vida. Daí por que êle se mostrava cheio de solicitude e zelos, procurando desviá-la, com advertencias e sugestões, de qualquer extravagancia que pudesse influir prejudicialmente sobre o seu estado. Dia a dia, crescia o sofrimento de Helena. A pobre moça começava a estorcer-se, assaltada pelas dôres que assignala-

vam a proximidade do parto. O marido multiplicava-se, cercando a mulher de proteção e conforto. Revelava um abatimento único; trazia a alma anoiada por um pressentimento de tragédia, uma como antevisão de um desenlace fatal. E não conseguia mais dissimular os temores que o angustiam. O parto já o chamara, prevenindo-o de que o organismo de Helena, enfraquecido, abalado, não se blindava com muitas forças de resistência para o choque próximo. Foi aí que Claudio estabeleceu, para afastar da esposa o maior número possível de perigos: "Se houver imprescindível necessidade de se sacrificar uma vida, que seja a da criança e nunca, em hipótese alguma, a da mãe!" Grande foi o abalo de Gabriel! Assistiu à cena, ouviu o concerto do assassinio e quasi que rompe em soluções e protestos. Como distanciar Isadora dos ferros cirurgicos? As esperanças de que o parto se fizesse em condições normais, eram escasas. Ele desejava mostrar a Claudio a monstruosidade do crime premeditado. Mas como? Em que termos e sob que título faria a advertencia? E nem podia dizer, ao menos: "A criança que vai nascer é Isadora, que se reincarna. É Isadora, o meu amor, o meu idolo, alma suave de andorinha"...

Mas não queira perder a fé em Deus. Por que surgiriam complicações? Impôs ao seu espirito a confiança num desfecho feliz. Sim; Helena daria à luz, normalmente e não se faria precisa a infame operação. Embriagou-o, de novo, a esperança. Ainda lhe restavam anos sobre anos de ininterrupta glória, ao lado de Isadora. Aguardaria, paciente, sorrindo, que ela crescesse, atravessasse as matarmofoses todas da idade e se fizesse mulher — mulher com a sabedoria das caricias de que jamais se esquece a epiderme. Na nova existencia, ela appareceria, sem duvida, modificada, com novas linhas, retoques. Sofreria as alterações, segundo a época, a educação, o meio onde se desenvolvesse. Todavia essas modificações seriam apenas superficiais, conservando o seu espirito a graça suave e a melodia celeste da vida anterior. Não temia elle que outro homem a atraísse. Havia entre os dois uma perfeita harmonia de carne e de espirito. Gabriel devaneava, alteando-se da arida realidade. Via gravuras coloridas do Japão e não desejava outra moldura para o seu amor. Talvez, um dia, chegasse a passear com Isadora, através daquelas infinitas via-lateas de crisantemos. Não admitia mais a possibilidade da morte da noiva.

Continuava frequentando a casa de Claudio. As dores de Helena se tornavam cada vez mais insuportáveis. Assim, com as entranhas torturadas, ella se recolheu ao quarto, raras vezes saindo.

Quanto a Gabriel, consumia-se na impaciencia. Ha pouco, a proximidade do instante decisivo o apavorava, lançando-o na mais tremenda das duvidas. Agora, certo de que o seu idolo nasceria sem grandes riscos, desejava que o momento culminante chegasse o mais depressa possível. Até aí

não o inquietara a hipótese de que a criança fosse... do sexo masculino. Tamanho logro, sarcasmo tão cruel seria impossível.

Um detalhe o preocupou: como nomearia a bem amada? Sugerira, habilmente, aos pais, que dessem á menina o nome de Isadora. Mas esse nome não agradou, preferindo a mãe o de Gloria. No caso de ser a criança do sexo, contrario, teria o nome de Paulo. Debalde Gabriel insistiu até á impertinencia, procurando mostrar que Isadora era muito mais lindo do que Gloria. Afinal, resignou-se. Continuará chamando a noiva pelo nome com que a conhecera. Não a compreendia de outro modo. Na terra ou no além, na vida ou na morte seria Isadora, sempre Isadora!

Recebera, ha pouco, a noticia de que Helena se contorcia e gritava, ás vespervas de dar á luz. No primeiro momento, ficou imóvel, a debater-se em interrogações, sem saber qual o caminho a seguir. A casa onde soffria aquella pobre mãe, espantava-o como uma casa de tragédia. Não era Helena que o comovia: era a criança sobre a qual pesavam ameaças espantosas. No drama que iria presenciar, só o impressionava um personagem: aquella doce e tragica inocente, ameaçada de morte. Como podia interessar-lhe Helena, se o seu idolo era, talvez, visado pelos ferros cirurgicos? Assim, hesitava, a alma sob uma verdadeira procela de pavores, o coração a saltar, no peito, como uma bola de fogo. Uma moça infeliz, gritando, soluçando, as entranhas em fogo — não era, certamente, um espectáculo para comunicar força e fé. A attitudé indicada, portanto, era afastar-se o mais possível daquêllo quarto de morte. Saiu para a rua, no mais noturno dos estados de alma, sob um desalento sem nome. Foi quando o surpreendeu a tempestade. Parou, um minuto, para olhar as inquietações oceanicas. Fugiam as sombras ao latego dos ventos. Cançou-se, logo, daquêllo panorama de assombro e de fogo. Reentrou em si mesmo, atraído para a assistencia da propria dor. Sentia-se fatigado, entorpecido, com necessidade de repouso e silencio. O seu afan era sobrelevar-se da realidade, dormir, esquecer o amor e Isadora. Mas via-se irremediavelmente ligado á antiga noiva. E ella morrerá, é certo: todavia, morta como estava, escrivava-o ainda, distanciando-o de outro amor e das mulheres vivas. A lembrança de Isadora, a obsessão de Isadora — eis o laço doloroso, pungente, desvairante que tornara para sempre inseparáveis os seus destinos:

Mas, era preciso ter fé; a fé o nutria, era o seu centro de gravidade, sem o qual rolaria no abismo. Por que o parto não se realizaria normalmente? Se elle só previa martirio e morte — era porque se achava num pavoroso estado morbido, incapaz de outras representações senão quadros de sangue, impotente para se libertar da preocupação da tragédia. Não haveria a minima com-

plicação. Pouco a pouco, refflorescia a esperança. Sorriu, confiante na intervenção de Deus. Mais tarde, ao lado de Isadora, caminharia de novo, sob céus benignos, ao sol generoso do outono.

Convenceu-se de que os pesadelos que o assaltaram eram consequências de uma simples depressão nervosa. Agora, porém, estava curado; a intelligencia não claudicava mais; raciocinava com clareza.

Pensou em dirigir-se, immediatamente, para a casa de Claudio, onde o esperaria, sem duvida, a noticia de que tudo corria com surpreendente facilidade. Mas, desistiu desse passo. Queria dar tempo a que o parto se realizasse integralmente, para gozar o ambiente estrelado de alegria. O minimo grito que ouvisse, embora sem significação alarmante, o afligiria mortalmente, provocando, talvez, a sua recaída nas agonias passadas. Sendo assim, esperou que as horas corressem. Passara a tormenta, o céu apparecia sem uma nuvem. Assistiu a exaltação da terra ferida por um raio de sol. Ninhos e cigarras comoviam as arvores.

Por fim, desceu o crepusculo. Já era tempo de voltar. A'quella hora tudo estaria resolvido, afastados os perigos. Então, uma febril impaciencia o agitou. Caminhou apressado, ofegando. Aos poucos, a angustia o sufocava, de novo. De momento em momento, a ansiedade crescia. Porque essa perturbação? Moderou o andar, procurou serenar-se, sorriu, quis distrair o espirito com as imagens do caminho. Reagiu poderosamente contra os temores insensatos. Graças a Deus, a tranquillidade voltava-lhe. Quando, afinal, chegou ao seu destino, estava absolutamente calmo, com solida confiança em Deus, certo de que a criança já repousava no berço, livre de riscos, encantadora e sadia. Subiu as escadas, sem pressa alguma. No primeiro andar reteve uma criada que passava e pediu-lhe informações. Disse a criada:

— A pobre mãe — coitada! — soffreu muito. Só o senhor vendo como gritava! Mas, está salva, graças a Deus, e dorme, agora, completamente bem.

— E a filha? perguntou elle, com uma vaga angustia.

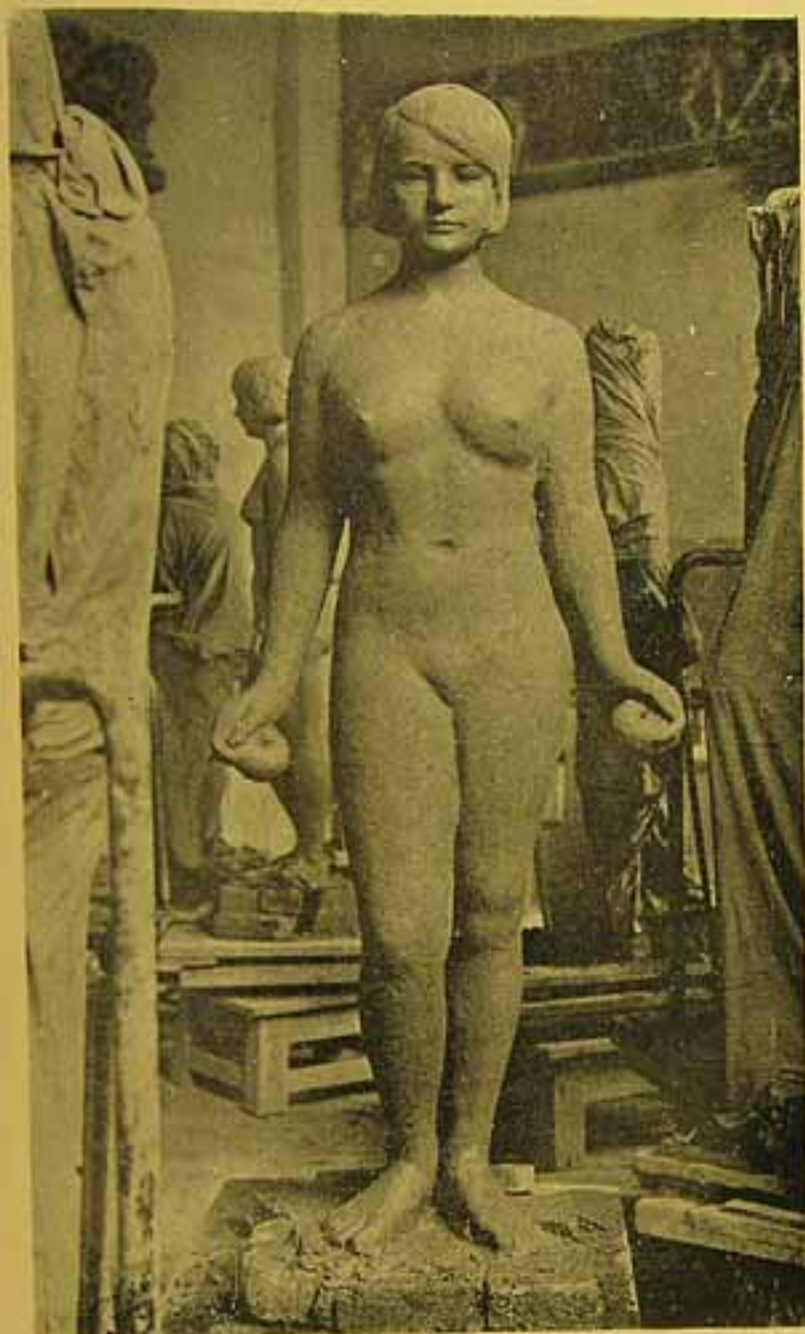
— A filha? Pois não sabe! Nasceu morta, a pobrezinha...

Ele mal compreendeu. Todavia pareceu-lhe ouvir, atrás de si, um riso estranho, a principio abafado e que foi gradativamente crescendo até se tornar em franca, estridente gargalhada. Era a gargalhada alucinante do destino, gozando o formidável logro.

No dia seguinte, á hora do enterro, chegou uma corôa, em cuja fita se lia a seguinte legenda: "A' Isadora, o beijo de Gabriel". O engano era evidente. Pois se a pequenina morta se chamava Gloria!...

Que Isadora seria aquella?

A corôa foi devolvida...



Sua Alteza Real o Príncipe Sigurd, da Suécia. Bronze exposto no Deutsches Museum, feito este ano.



O escritor Hoffmann. Em baixo: retrato, em bronze. Trabalhos de 1930.



Eva

1
9
3
0

Um escultor brasileiro

Chama-se Antonio Caringi. Vive na Europa há três annos. Esteve em Roma, esteve em Paris. Fixou-se em Munich. É de Munich que nos manda estas photographias dos seus trabalhos mais novos. Antonio Caringi era auxiliar de consulado e com pequenos vencimentos ia vivendo, estudando, pondo em marmore e em bronze figuras vivas e imagens interiores. A Revolução extinguiu o cargo. Os pequenos vencimentos nunca mais appareceram. Mas, assim mesmo, com vontade, com enthusiasmo, o jovem artista continúa a produzir e, do pouco que obtém, faz o muito que deseja. Nos meios artisticos de Munich tem já o seu nome. Terá a sua fortuna depois.



Em São Paulo

O casal Warchavchik offereceu uma festa de despedida ao jornalista Jayme Adour da Camara que vae partir para a Europa a serviço da Agencia Brasileira.



Centro Mattogrossense



Dois aspectos do baile com que foi festejada a posse da nova directoria. Toda a colonia mattogrossense esteve presente.

Alvarus
que faz
bonecos
e fez uma
exposição
de bonecos.
Sucesso.





MODELOS



PARA



A



ESTAÇÃO



NÓVA



SAIDA DE NOITE



PIJAMA

MODA



SAIDA DE NOITE

de Elegância



Tarde tão luminosa e tão doce de temperatura... Dá até preguiça sair de casa. Mas a ci-



dade deve ficar regorgitante de meninas bonitas, de vestidos bonitos, de alegria, de muita alegria. Decido-me, então, a ver o que me volta pela idéia. Apronto-me e, burguesmente, tomo um bonde — aliás condução bem frequentada nestes tempos de cambio anêmico. Um pouco de mormaço, e lá nos vamos, a cochilar, à medida que o veículo se encaminha, sem grande pressa, e, de quando em vez nos mói os nervos com o ranger das rodas nas cruvas de trilhos secos. No Largo do Machado os meninos gritam as primeiras edições dos vespertinos. Entram passageiras perfumadas e elegantes. Entre elas, Clara Lafayette Stockler, jovem escritora que tanto se bateu pela vitória da Aliança Liberal, em companhia de Albertina Bertha, cujos trabalhos o Brasil intelectual conhece. Othon Paulino pula no

ande já em marcha, dá comigo e me sauda in tanto atrapalhado com a bengala, um maço e jornais e o charuto quasi desmanchando em inzas. Logo depois é o ministro José Amerigo quem se acomoda numa ponta de banco, e lá, como qualquer mortal, duzentos réis para os cofres da Light. E a gente se põe a pensar que a Revolução não é assim uma coisa tão ruim, pois que nos proporciona o flagrante da modestia numa das mais grandes capacidades literarias do Brasil atual. Gloria... rua do Passeio... Avenida. Othon Paulino some. Saltam os outros passageiros. O ministro também salta. A' beira da calçada pára um taxi. Dêle se apêa Jayme Tavora, o elegante secretario do titular da Viação, que avista o seu illustre chefe e o convida a seguirem juntos.

Ainda é cedo. Ha tempo para compras. Mais tarde principia o desfile chique, as moças que param aqui e ali, escolhendo um perfume, um par de luvas, uma flor, enquanto não enega a hora sagrada do chá ou do aperitivo.

Nas vitrinas da "Leblon" os mais extravagantes e os mais modernos chapéus atraem



todas as atenções. Lá dentro, de azul marinho e "canotier" branco, a encantadora Esmeralda es-

colhe para uma amiga de olhos claros e pestanudos um "tricornio" Havana. O espelho do lado oposto reflete a atriz Albertina Ferreira experimentando um chapéu "gris" guarnecido com um laço de fita de veludo, e que a embeleza deveras. Em direção á Colombo, a linda Didi Caillet, com um "tricornio" muito gracioso na sua cabeça arrumada em cachos. E ainda um "tricornio" elegante na cabeça de Aida Brito. Maria Leonarda de Almeida está radiosa de mocidade e de beleza num vestido branco e "canotier" alvo também. Com ela, Cecilia Rodrigues Lima, cujo bom gosto na arte de vestir nunca desfalece. Onde a rua é mais movimentada, perto da Colombo e em frente á Casa Machado, vai-vem de figuras conhecidas, e barretadas sem cessar: Peregrino Junior, cronista mundano e mordaz; Benjamim Costalat, romancista da atualidade; Horacio Cartier, escritor de prosa, de versos, e secretario do ministro do trabalho; o esteta Carlos Veiga Lima, o laureado poeta Olegario Mariano, o illustre Felipe de Oliveira, o casal Alvaro Moreyra; a silhueta parisiense de Regina Maura, a graça risonha de Margarida Max; o poeta-jornalista Augusto de Lima, Humberto de Campos — pena das mais apreciadas; a formosa Maria Gama, Ernesta von Weber, escritora "racée"; a jovem e elegante Sylvia Ponce,



Nenê Baroukel - declamadora -; a "mignonnette" Emilia Polo, a senhora Aureliano Amaral, a bela Rosalina Coelho Lisboa Miller, Lulú Honold Rocha Miranda; Baptista Luzardo e Salgado Filho também passeiam pela cidade e parecem distraídos das coisas da polícia; Elesbão Bitancourt pergunta-me por Belmiro Braga. Não sei... Belmiro esqueceu-se no Rio... dos amigos... Faço a volta pela Ouvidor. No Castro Araujo as mais bonitas joias de fantasia e bolsas modernas; em "Elegancias", bonecas maravilhosas; "Eritis", apinhada de clientes; oço da senhora Felipe Lage — recém chegada de Paris — que vai à Casa Dorét — em Alcindo Guanabara, quarteirão Serrador — para arranjo dos cabelos. Ilka Labarthe dá-me o prazer de pequena palestra, e me pede a opinião sobre mestres do emano, em S. Paulo. Tenha paciência, Ilka... Para outra vez. A tarde está encantadora e as questões didáticas

são tao entoadonhas... Ela sorri. Também sorri, num cumprimento, Anna Amelia Carneiro de Mendonça. Sorri, Maria José de Queiroz. E, mais adefante, é o sorriso aberto de Maria Eugenia Celso, a grande talentosa, que corresponde ao meu.



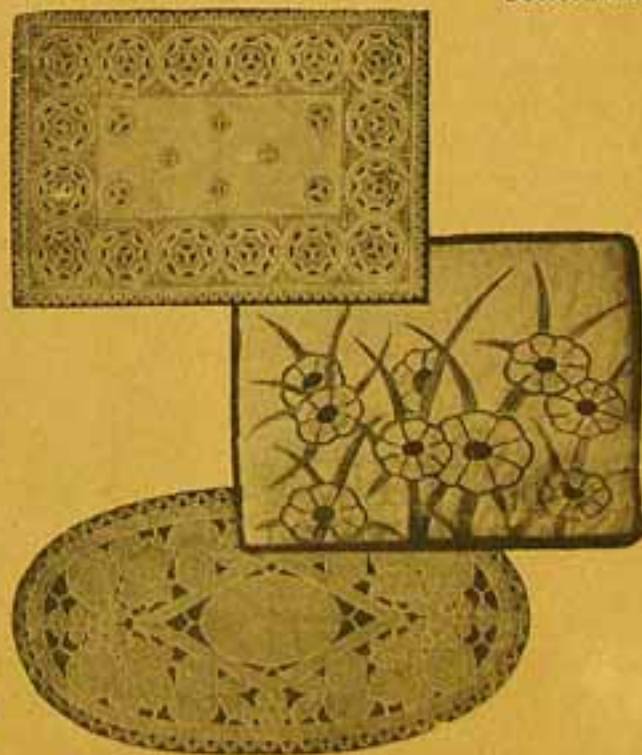
ford vestida para um "cocktail" — branco, cinto de verniz preto e verniz preto à volta da copa do chapéu de panamá-laque; alguns modelos de saia de golas, e três almofadas: a de n. 1, de forma retangular, toda

"festonee" e pontos de nó; a de n. 2, seda d'Algeria "gris" (seda vegetal, cor fixa — Indanthren), flores festonadas de linha dourada e folhas em pontos de haste, verde brilhante; a de n. 3 — forma oval — de linho e bordado Richelieu.



Ilustram esta cronica: Mary Costes — mulher do celebre aviador — num vestido de Christiane e chapéu de Louise Bourbon; Janine Paris, tambem numa "toilette" dos mesmos artistas da costura; um "ensemble" proprio para uma tarde no Jockey Club: crepe preto e bordado aberto, a branco, para a saia e chapéu, blusa e sombrinha de crepe branco bordado a preto; duas combinações de crepe de seda vegetal, rosada: uma, guarnecida de renda cor de barro, a outra com abertos em linha azul — (tecido de cor fixa — o que traz a etiqueta "Indranthren" — corante que resiste a repetidas lavagens e ação do tempo); Joan Crawford, num esquisito e elegante vestido de praia, imitando, pelo amarrado dos ombros, os trajes de banho; ainda Joan Craw-

SORCIERE



De tudo um pouco



PARA NÃO ENVELHECER

"A diferença de regime entre o rosto e o resto do nosso corpo: Quasi sem parar, o nosso corpo movimenta-se: andar, esporte, dança, etc. Qualquer movimento é favorável ao tecido muscular, e, mesmo no banho é o que tem maior agitação.

O rosto, entretanto, é mais exposto, não se mexe nunca senão para comer, sendo esta, aliás, a única ginástica que pratica.

O homem e a mulher que praticam esportes envelhecem no rosto, e o corpo, aos 50 anos, conserva plena mocidade. Não temos, assim, o direito de deixar envelhecer o rosto por falta de atividade. É necessário, pois, fazermos exercícios que compensem essa insuficiência de movimentos.

A lógica deve presidir a escolha desse exercício para evitar cansaço, e obter satisfatório efeito de eliminação de toxinas. As ginásticas agem sobre o desenvolvimento dos músculos. Um bom produto limpa e nutre a pele, coisa indispensável antes de se deitar, porquanto a pele carregada de suor continua a cansar e a dilatar-se."

São conceitos de A. Duret — rua Alcindo Guanabara, 5 — que fabrica ótimos preparados para a pele, que é perfumista e cabeleireiro excelente.



SAPATOS E PÉS

Mulher nenhuma está bem vestida, se não estiver bem calçada.

Mas que é preciso para estar bem calçada?

Não basta um sapato bom ou um sapato caro.

Isso ajuda, mas não é tudo.

Não há sapato que preste num pé feio.

É, pois, indispensável o pé.

Cada um deve valorizar o outro, animá-lo, dar-lhe vida.

Portanto, sem um pé de primeira pouco se conseguirá.

É pé de tal qualidade não anda por aí a cada passo.

Um pé assim nem deve ser microscópica chinêsico, nem uma aproximação do conhecido "quarenta e quatro, bico largo", mas de tamanho proporcional ao da sua dona, ainda que sempre delicado.

Não deve também ser baixo, achatado, esparramado, mas bem arqueado e com algum relevo.

Pé largo é sempre desagradável.

S.

mas isso não quer dizer que seja tão estreito que vá até prejudicar o fim a que se destina.

Tudo tem a sua medida.

Está-se a ver, então, que deve ser seco (que não vem aqui como antônimo de húmido, pois só da forma se trata), seco, mas não descarnado, ou, melhor, cheio quanto baste para lhe reforçar a beleza do talho, para tirar deste o melhor efeito.

Portanto, nada esborrachado, mas bem armado — de modo a indicar elasticidade muscular e não flacidez.

Finalmente, contornado por doce curva graciosamente afinada para uma das extremidades.

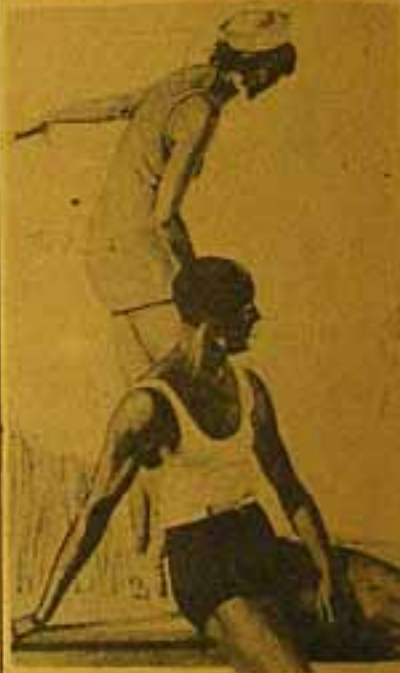
Se assim deve ser o pé, cumpre que o sapato o realce, ajustando-se-lhe comoda e delicadamente, sem que esteja um a dançar dentro do outro, nem um a arrebentar o outro.

Por felicidade a mulher já vai dando grande importância à beleza do seu pé, calçado ou não, mas os "pedicures" vêem-se tontos com certos pés.



AGUA PARA BOCA ACIDA

Alcool de 90°	1.000 gr
Acido salicilico	5 gr
Essencia de menta	10 gr
Acido benzoico	5 gr
Tint. de Benjoim	10 gr
Tint. de sandalo	8 gr
50 gotas para um copo d'agua.	



ESPORTE-NADADORAS

Denise Delye, 23 anos de idade, modista, guarda o título de campeã de "sauvetage" há três anos, e nada, indiferentemente, a la brasse, o "crawl", "sur le dos", etc.

O novo livro que a Dra. Ernesta von Weber publicou, intitulado "Bergamini", tem tido o mesmo sucesso do "O Brasil que eu vi" e "Figuras da Revolução", este, aliás, proximo de volta e em segunda serie. Brasileira pelo coração, Ernesta Weber é ainda dedicada aos problemas políticos da nossa terra, e consegue em torno da sua figurinha graciosa e bonita uma aureola de grande simpatia.



CALADIUM ESCULENTUM

Cosas de botânica. Faz parte do grupo dos "Caladium", cuja variedade é admirável de coloridos. Planta de cultura relativamente fácil, "caladium esculentum", vulgarmente conhecida por "orelhas de elefante", é de porte gracioso, prestado-se ao ornamento de "pelouses", ou ainda, isolada, no centro de canteiros de rasteira grama.

Na Escola de Medicina de Carlile (Pennsylvania), há "orelhas de elefante" de 1m,21 de comprimento por 90 centímetros de largo, em touceira de hastes que atingiram 8m,25 de alto por 3,65 de diametro.



GRANDE PREMIO DE ELEGANCIA AUTOMOBILISTICA

Um exemplo a seguir aqui, entre as cariocas que possuem lindos carros e os guiam. O Bois de Boulogne foi palco da mais risonha tarde dos ultimos tempos com o concurso de automoveis a que concorreram cerca de quatrocentas moças, bonitas, elegantes. O juri, presidido por André de Fouquieres e composto da princesa de Tour d'Auvergne, senhora Maurice Mirabaud, Martine Rénier, M. Léon Bailby, Paul-Louis Hervier, o visconde de Rohan, o duque de Maillé, Var Dogen, teve grande dificuldade em escolher a "vencedora". Afinal optou pela graça moça e a elegancia do carro de Jackie Monnier. Foram aplaudidissimas: Mary Glory — "fraiche comme une fleur des champs", — Mona Paiva — "souple dans sa robe blanche et coiffée de vert pâle" — Suzy Vernon — "délicieuse dans sa robe noire a guimpe plissée", — Mary Costes — "toute grave sous ses boucles blondes". Também: Pépa Bonafé, Diana, Fanny Clair, Jeanne Julia — miss Europe — Joséphine Baker etc.



R E P O R T A G E M

Em cima:

a sala que aplaudiu a festa do Colégio Baptista: alunos e suas famílias.



A' esquerda:

Francis de Croiset em visita à Associação Brasileira de Imprensa.



Na homenagem do Orfeão Português ao seu fundador, maestro Adolfo Rosa,



Durante o baile que se realizou no Club de Regatas Guanabara, em começo de Agosto.

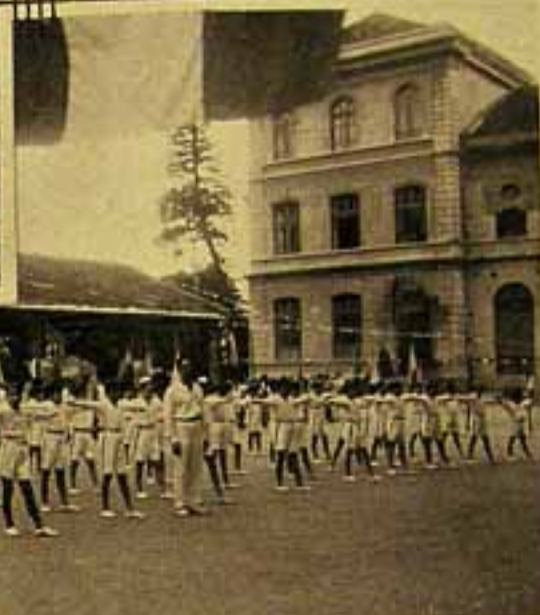


Na reunião do Gremio Paraense, quando falava o capitão de fragata Maris da Gama e Silva.



No Centro Alagoano quando foi comemorada a data aniversária do Marechal Deodoro.

COLLEGIO SANTO IGNACIO



A festa do R. P. Rector em 19 e 20 deste mez. Alumnos que tomaram parte na sessão dramatico-musical e nos jogos esportivos. D. Sebastião Leme, o R. P. Luiz Rion, padres professores, familias e alumnos na grande sala do Collegio.



Pó de Arrôz ORYGAM-DE GALLY

O UNICO PÓ DE ARRÔS DE LUXO
QUE AINDA SE VENDE A 6\$000



Dr. Olney J. Passos

OPERAÇÕES — PARTOS

Molestias de senhoras — Diatermia — Ultra Violeta — Diatermo-coagulação. Das 3 em diante.

Rua S. José, 10. — Tels.: 3-0702.
Res. 8-5013.

UM NOVO LIVRO

"BERGAMINI"

pela

Drs. Ernesta Weber

EM TODAS AS LIVRARIAS

DIVORCIO NO URUGUAY
divorcio absoluto, conversão,
desquite, novo casamento
— Inform. sr. CECILIA —
AVEN. RIO BRANCO, 77-3º and.
Caixa Postal 1494 - RIO

Moda e Bordado

NÚMERO DE AGOSTO À VENDA

Revelação do Segredo da Influência Pessoal

Método simples que toda a gente pode empregar para desenvolver as forças do magnetismo pessoal, a memória, a concentração e a força de vontade, e para corrigir os hábitos perniciosos por meio da maravilhosa ciência da Suggestão. Livro de 80 páginas descrevendo detalhadamente este método único, bem como um estudo psychoanalytico do caracter, mandados GRATUITAMENTE a quem escrever immediatamente.

"A maravilhosa força da Influência Pessoal, do Magnetismo, da Fascinação, do Controle do Espírito, denominada como quizerem, pôde ser adquirida com segurança por qualquer pessoa, por poucos que sejam os seus atractivos pessoais ou por pequeno que tenha sido o seu successo na vida", diz o Sr. Elmer E. Knowles, autor do livro intitulado, "A Chave do Desenvolvimento das Forças Interiores". Este livro revela factos tão numerosos como extraordinarios das praticas dos Yogis da Índia, e expõe um systema unico no seu genero para o desenvolvimento do Magnetismo Pessoal, das Forças Hypnoticas e Telepathicas, da Memória, da Concentração, da Força de Vontade e para a correção dos hábitos por meio da maravilhosa sciencia da Suggestão.



Sr. Martin Goldhardt

O Sr. Martin Goldhardt escreve: "O successo que obtive com o estudo do Systema Knowles leva-me a crer que este método contribue mais do que qualquer outro para o progresso do individuo". Este livro esculpado gratuitamente e em larga escala, é rico em reproduções photographicas, demonstrando como estas forças invisiveis são utilizadas em todo o mundo, e como milhares de pessoas desenvolveram certas faculdades cujas posses estavam longe de supor. A distribuição gratuita de 10.000 exemplares foi confiada a uma grande Instituição de Bruxellas e um exemplar será remittido gratuitamente a quem fizer o respectivo pedido.

Além da distribuição graciosa do livro, será igualmente enviado a toda a gente que escrever immediatamente, um estudo do seu caracter! Este estudo preparado pelo Prof. Knowles contém 400 a 500 palavras. Se deseja pois receber um exemplar do livro do Prof. Knowles e o estudo do seu caracter, copie simplesmente com a sua propria mão as seguintes linhas:

"Quero o poder do espirito,
A força e o poder no meu olhar,
Queira ler o meu caracter
E mandar-me o seu livro".

Escreva muito legivelmente o seu nome e endereço completo (incluindo Senhor ou Senhora, e dirija a sua carta à PSYCHOLOGY FOUNDATION, S. A. Distribuição gratuita (Dept. 0068), No. 18, Rua de Londres Bruxellas, Belgica. Se quizer, pôde juntar à sua carta 1\$500 em sellos do correio do seu país, para a despesa com a franquia, etc. Preste attenção a que a sua carta venha com o selo sufficiente. A franquia para a Belgica é 400 Bels.

A. DORET

Penteado moderno e chic

Tinta para cabelos imitando a cor natural, garantida e inofensiva. Ondulação indefrisável com onda larga e macia.



Postiço especial para soirée ou para o chapéu da moda — Um bom perfume — Mãos bem tratadas — Foi, é, e será sempre a primeira casa

A. DORET cabeleleiro — Rua Alcindo Guanabara n. 5-A — Telephone 2-2431 — Rio de Janeiro

GRANDE DEPOSITO DE HARMONICAS
S/A. M. DALLAPÉ & FILHO
Stradella - (Italia)



Harmonicas de luxo. Grande marca universal. Ultra elegantes.
PECAM CATALÓGOS AO CONCESSIONARIO EXCLUSIVO NO BRASIL

João Sartorello
LINHA MOGYANA (Est. de S. Paulo) SÃO JOÃO DA BOA VISTA

O ENCERRAMENTO DO Concurso de Contos do PARA TODOS...

Encerra-se, hoje, definitivamente, o prazo para recebimento dos originaes concurrentes ao Concurso de Contos do "Para todos...". A relação geral de todos esses trabalhos será publicada proximamente, assim como os nomes das comissões julgadoras, de accordo com as condições do Concurso.

Lorgnon's Pince-Nez OCULOS

EXAME
DE VISTA
GRATIS
DAS
10½-18
HORAS



LUTZ, FERRANDO & C.^{IA} L^{DA}
RIO, Ouvidor, 88—Gonçalves Dias, 40
SÃO PAULO, Rua 15 de Novembro, 47

PARA TODOS...

LIVRARIA PIMENTA DE MELLO

TRAVESSA DO OUVIDOR, 34

(ANTIGA SACHET)

TELEPHONE 4-5325

RIO DE JANEIRO

BIBLIOTHECA SCIENTIFICA BRASILEIRA

<i>Introdução á Sociologia Geral</i> , obra premiada com o 1º premio da Academia Brasileira, de Pontes de Miranda (Dr.) Broch.	16\$000
A mesma obra (Encadernada)	20\$000
<i>Tratado de Anatomia Pathologica</i> , de Raul Leitião da Cunha (Dr.) Prof. da cadeira na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Broch.	35\$000
A mesma obra (Encadernada)	40\$000
<i>Tratado de Ophthalmologia</i> , volume 1º, tomo 1º, pelo Prof. Abreu Fialho (Dr.) Broch. 25\$000 enc.	30\$000
<i>Tratado de Ophthalmologia</i> , volume 1º, tomo 2º, pelo Prof. Abreu Fialho (Dr.) Broch. 25\$000, enc.	30\$000
<i>Tratado de Therapeutica Clinica</i> , volume 1º por Vieira Romeiro (Dr.) Broch. 30\$000, enc.	35\$000
<i>Tratado de Therapeutica Clinica</i> . Por Vieira Romeiro (Dr.) 2º vol. Broch. 25\$000, enc. ..	30\$000
<i>Siderurgia</i> . F. Labouriau (Dr.) Broch. 20\$, enc.	25\$000
<i>Fontes e Evoluções do Direito Civil Brasileiro</i> P. de Miranda (Dr.) Broch. 25\$000, enc.	30\$000
Amoroso Costa — <i>Idéas Fundamentais da Mathematica</i> . Broch. 16\$000, enc.	20\$000
Otto Rothe — <i>Chimica Organica</i> — 1º Vol. tomo 1º, 20\$000, enc.	25\$000
F. Moura Campos — <i>Manual Pratico de Physiologia</i> , Broch. 20\$000, enc.	25\$000
P. Miranda — <i>Tratado dos Testamentos</i> , 1º Vol. Broch. 25\$000, enc. 30\$000, 2º Vol. Broch. 25\$000, enc.	30\$000
C. Pinto — <i>Parasitologia</i> , 1º Vol. Broch. 30\$000, enc. 35\$000, 2º Vol. Broch. 30\$000, enc.	35\$000

EDIÇÕES A VENDA

<i>Cruzada Sanitaria</i> , discursos de Amaury de Medeiros (Dr.) Broch.	5\$000
<i>Anel das Maravilhas</i> , contos para creanças, texto e figuras de João do Norte (da Academia Brasileira, Broch.	2\$000
<i>Cocaina</i> , novella de Alvaro Moreyra, Broch.	4\$000
<i>Perfume</i> , versos de Onestaldo de Pennafort. Broch.	5\$000
<i>Botões Dourados</i> , chronicas sobre a vida intima da Marinha Brasileira, de Gastão Penalva. Broch.	5\$000
<i>Leviãna</i> , novella do escriptor portuguez Antonio Ferro, Broch.	5\$000
<i>Alma Barbara</i> , contos gaúchos de Alcides Maya, Broch.	5\$000
<i>Problemas de Geometria</i> , de Ferreira de Abreu, Broch.	3\$000
<i>Caderno de Construções Geometricas</i> , de Maria Lyra da Silva, Broch.	2\$500
<i>Chimica Geral</i> , Noções, obra indicada no Collegio Pedro II, de Padre Leonel da Franca S. J. 3ª edição (Cart.)	6\$000
<i>Um anno de cirurgia no sertão</i> , de Roberto Freire (Dr.) Broch.	18\$000
<i>Promptuario do imposto de consumo de 1925</i> , de Vicente Piragibe, Broch.	6\$000
<i>Lições Civicas</i> , de Heitor Pereira, 2ª edição (Cart.)	5\$000
<i>Como escolher uma boa esposa</i> , de Renato Kehl (Dr.) Broch.	4\$000
<i>Humorismos innocentes</i> , de Areimor, Broch.	5\$000
<i>Toda a America</i> , versos de Ronald de Carvalho, Broch.	8\$000
<i>Indices dos Impostos para 1926</i> , de Vicente Piragibe, Broch.	10\$000

<i>Questões praticas de Arithmetica</i> , obra adoptada no Collegio Pedro II, de Cecil Thiré, Broch.	10\$000
<i>Formulario de Therapeutica Infantil</i> , por A. Santos Moreira (Dr.), 4ª edição augmentada, enc.	20\$000
<i>Chorographia do Brasil</i> para o curso primario, pelo Prof. Clodomiro Vasconcellos (Dr.) (Cart.)	10\$000
<i>Theatro do "O Tico-Tico"</i> — cançonetes, farças, monologos, duettos, etc., para creanças, por Eustorgio Wanderley	6\$000
<i>O orçamento</i> — por Agenor de Roure, Broch. ..	18\$000
<i>Os Feriados Brasileiros</i> , de Reis Carvalho, Broch.	18\$000
<i>Desdobramento</i> — Chronicas de Maria Eugenia Celso, Broch.	5\$000
<i>Circo</i> , de Alvaro Moreyra, Broch.	6\$000
<i>Canto da Minha Terra</i> , 2ª edição. O. Marianno	10\$000
<i>Almas que soffrem</i> . E. Bastos, Broch.	6\$000
<i>A Boneca vestida de arlequin</i> . A. Moreyra, Broch.	6\$000
<i>Cartilha</i> . Prof. Clodomiro Vasconcellos	1\$500
<i>Problemas de Direito Penal</i> . Evaristo de Moraes, Broch. 16\$000, enc.	20\$000
<i>Problemas e Formulario de Geometria</i> . Prof. Cecil Thiré & Mello e Souza	6\$000
<i>Grammatica latina</i> , de Padre Augusto Magne S. J., 2ª edição, Broch. 16\$000, enc.	20\$000
<i>Primeiras noções de latim</i> , de Padre Augusto Magne S. J. (Cart.) no prelo	12\$000
<i>Historia da Philosophia</i> , de Padre Leonel da Franca S. J., 3ª edição, enc.	12\$000
<i>Curso de lingua grega</i> , Morphologia, de Padre Augusto Magne S. J. (Cart.)	10\$000
<i>Grammatica da lingua hespanhola</i> , obra adoptada no Collegio Pedro II, de Antenor Nascente, professor da cadeira do mesmo collegio, 2ª edição, Broch.	7\$000
Candido Borges Castello Branco (Cel.), <i>Vocabulario Militar</i> (Cart.)	2\$000
<i>Chimica elementar</i> , problemas praticos e noções geraes, pelo professor C. A. Barbosa de Oliveira, Vol. 1º (Cart.)	4\$000
<i>Problemas praticos de Physica elementar</i> , pelo Prof. Heitor Lyra da Silva, caderno 2º. Broch.	2\$500
<i>Problemas praticos de physica elementar</i> , pelo Prof. Heitor Lyra da Silva, caderno 3º. Broch.	2\$500
<i>Primeiros passos na Algebra</i> , pelo Professor Othello de Souza Reis (Cart.)	3\$000
<i>Geometria</i> , observações e experiencias, livro pratico, pelo Prof. Heitor Lyra da Silva (Cart.)	5\$000
<i>Accidentes no trabalho</i> , pelo Dr. Andrade Bezerra. Brochura	1\$500
<i>Esperança</i> — Poema didactico da Geographia e Historia do Brasil pelo Prof. Lindolpho Xavier (Dr.), Broch.	8\$000
<i>Propedeutica obstetrica</i> , por Arnaldo de Moraes (Dr.), 3ª edição, Broch. 25\$000, enc.	30\$000
<i>Exercicios de Algebra</i> , pelo Prof. Cecil Thiré Broch.	6\$000
Miranda Valverde — <i>Evoluções da Escripita Mercantil</i>	15\$000
Moraes — <i>Sã Maternidade</i>	10\$000
Celso Vieira — <i>Anchieta</i>	16\$000
Wanderley — <i>Album Infantil</i>	6\$000
Anesi — <i>Physiologia Cellular</i>	8\$000
Alvaro Moreyra — <i>Adão e Eva</i>	8\$000
A. Magne — <i>Selecta Latina</i> , Broch. 12\$000, enc.	15\$000
Renato Kehl — <i>Livro do chefe de Família</i> , enc.	25\$000
Heitor Pereira, <i>Anthologia de Autores Brasileiros</i>	10\$000
<i>Problemas praticos de Physica elementar</i> , pelo Prof. Heitor Lyra da Silva, caderno 1º. Broch.	2\$000

NOVELTIES, TAPECARIAS E DECORAÇÕES EM GERAL



65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO

